

CO

Bibliothek

KI 220.5

ALDORE CAMERON

VIAGENS 1970

CEDIM

Instituto de Brasilienkunde

KI-BR 14.23

Bibliothek

03.10.10





VIAGENS

EUROPA

19/Maio a 10/Junho/1970

EEUU

10 a 13/Agosto/1970

Secretariado Regional Nordeste II  
CNBB

Serviço de Apostilas - Nº 31

Rua do Giriquiti, 48 - RECIFE - Pe.

Bibliothek  
KI-BR 44.23  
Institut für Brasilienkunde  
METTINGEN



300

Í N D I C E

"IMPOSSIVEL DESENVOLVIMENTO SEM JUVENTUDE" .....	1
Palestra em Salzburg (Austria), no Congresso Mundial "Juventude e Desenvolvimento"	
"TRÊS PEDIDOS A MEUS COLEGAS E IRMÃOS, TEÓLOGOS" .....	5
Universidade de Louvain (Bélgica): doutorado <u>honoris causa</u> em teologia	
"PACTO POLITICO E MILITAR OU PACTO DE JUSTIÇA E DE A MOR" .....	9
Palestra pública em Bruxelas, sob os auspícios do Cardeal Suenens, Arcebispo de Malines	
"MEDITAÇÃO E PRECE, DURANTE UMA VIGILIA ECUMÊNICA, NA CIDADE DE LYON" .....	13
Palestra, em Lyon (França) em uma Vigília E cumênica, no Palácio dos Sports, sob os auspícios do Cardeal Renard e do Pastor Atger	
"JOANA, SERÁ QUE COMPREENDES E AMAS A NÃO VIOLENCIA"..	17
Palestra em Orleans (França), sob os auspícios do Mons. Riobez	
"RESPONSABILIDADE DA FRANÇA EM FACE DA REVOLUÇÃO" .....	21
Palestra na Sala da Mutualidade, em Paris, - sob os auspícios do Cardeal Marty, Arcebispo de Paris	
"OBRIGAÇÕES DA SCANDINÁVIA PARA COM O MUNDO" .....	25
Suécia, palestra na Universidade de Upsla	
"OS HOMENS MORREM, NÃO AS IDEIAS" .....	29
Palestra no Palácio dos Esportes, Paris	
"EU TIVE UM SONHO" .....	35
Atlanta, USA: Prêmio Martinho Lutero King	

VIAGEM DE DOM HELDER CÂMARA  
 MAIO DE 1970:  
 AUSTRIA - BÉLGICA - FRANÇA - SUECIA  
 AGOSTO DE 1970  
 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE



## IMPOSSIVEL DESENVOLVIMENTO SEM JUVENTUDE

Conferência proferida, em Salzburg (Austria), por + Helder Camara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil) durante o Congresso Mundial "Juventude e Desenvolvimento", no dia 20 de maio de 1970.

### I - Indispensáveis observações preliminares

Se é verdade, como disto estou convicto, que é "impossível desenvolvimento sem juventude", é preciso ter presente que os jovens, como os adultos, têm tendência a distribuir-se de tal maneira que encontramos, um pouco por toda parte, maiorias egoísticas, comodistas que não se movem; encontramos minorias esquerdistas que, sempre mais, se chocam com minorias direitistas. Os jovens que têm verdadeiras possibilidades de ajudaram a marcha do desenvolvimento - desculpem-me: procurarei prová-lo - não pertencem nem às maiorias egoísticas, comodistas que não se movem; nem às minorias de extrema esquerda que desejam o caos, como condição única para as indispensáveis mudanças de estruturas; nem às minorias de extrema direita, que armam confusões, que chegam a violências extremas para manter a situação presente, identificada como sinônimo de civilização cristã.

Os jovens que têm verdadeiras possibilidades para ajudar a marcha do desenvolvimento são minorias, existentes por toda parte. Minorias que eu chamo de Abraâmicas, porque como Abraão esperam contra toda esperança, minorias que têm duas marcas indispensáveis: exigem justiça como condição de paz, mas, em lugar da violência armada, que conduz a uma escalada de violência, adotam a violência dos pacíficos.

Em nossa palestra, antes de receber os comentários, as perguntas, as contestações de vocês, apresentar-lhes-ei o programa mínimo da Ação Justiça e Paz, união das Minorias Abraâmicas de jovens e adultos. Apresso-me em dizer-lhes que não se trata de partido político, nem de movimento de um homem, de um país, de uma língua, de uma religião... Ou a Ação Justiça e Paz se realiza com união dos homens de boa vontade, para além das raças, das línguas, das religiões, ou se tratará de um fracasso a mais. Ou a Ação Justiça e Paz é segurada com as duas mãos pelas Minorias Abraâmicas, bretudo no seio da juventude, ou ela não passará de bela utopia.

Escutem-me um instante: depois, com vocês a palavra. Com todos vocês, quaisquer que sejam os paralelos dentro dos quais resida a juventude de vocês: o centro, a extrema esquerda, a extrema direita, ou as zonas de decisão e esperança onde moram as Minorias Abraâmicas.

### II - Mínimo exigido pelas Minorias Abraâmicas

Eis o mínimo exigido pelas Minorias Abraâmicas, dignas deste nome:

#### 1. Nada de reformismo: é preciso, sem demora, mudança das estruturas humanas

Há pessoas que dizem ou pensam que aquilo que exigiu séculos para estruturar-se não pode, nem deve mudar em dias, em meses, ou mesmo em anos. É o reformismo.

Há pessoas que chegam a utilizar palavras como as de Cristo: "Felizes os pobres: deles é o reino do céu", "pobres, sempre haverá no meio de vocês", como quase uma proibição para tentar abolir a miséria.

Quem viu criaturas humanas mergulhadas em condições verdadeiramente subhumanas, não pode admitir a idéia de adiar a tentativa de arrancá-las dali, como se as víssemos afogando-se na lama.



A miséria é um ultraje ao Criador. Se há séculos de condições de miséria, isto quer dizer que há séculos de atraso, séculos de dívidas, e que urge apressar o passo.

Impossível aceitar a idéia de que haja, ao lado de homens e super-homens, sub-homens, homens de segunda classe, nascidos para a escravidão e para a miséria.

## 2. Mudança de estruturas dos países subdesenvolvidos supõe mudança de estruturas dos países desenvolvidos

Os que nasceram em países ricos, os que aí residem, se ouvirem dizer que mudanças de estruturas dos países subdesenvolvidos supõe mudança dos países desenvolvidos, terão, salvo milagre, reações curiosíssimas.

Começam por duvidar de ter escutado bem ou bem compreendido. Guardam a impressão de uma pilheria.

Depois, se se trata do jogo da verdade, eles se perguntam porque não de abandonar o próprio conforto e a própria segurança para mudar o imutável: miseráveis, cuja miséria, em parte, é consequência de inferioridade racial; em parte, é consequência de preguiça e desonestidade. E preciso ajudá-los a compreender e a aceitar que a riqueza dos países desenvolvidos se alimenta da miséria dos países pobres. Supondo nêles um mínimo de sinceridade e boa vontade, é preciso dispor de estatísticas, de informações, de fatos indiscutíveis. E' preciso desmontar a verdade do racismo e fazer ver que se os brancos ficassem sem saúde, sem alimentação, sem roupa, sem casa e sobretudo sem esperança, perderiam a coragem e, também eles, pareceriam preguiçosos. E' preciso demonstrar que os desonestos, nos países pobres, são, quase sempre, traidores, corrompidos pelo dinheiro de fora.

## 3. As ajudas são necessárias, mas elas são absolutamente insuficientes

Tentando reajustar a própria atitude, os que nasceram em países ricos e aí residem têm, então, tendência a pensar em termos de ajudas.

E' conhecida a convenção - jamais obedecida e em plena decadência - de 1% sobre o Produto Bruto Nacional, como colaboração para o desenvolvimento dos países pobres.

As ajudas são necessárias, mas elas são, de todo, insuficientes. Mesmo se os países ricos chegassem a dar, de fato, 2, 3, 5%, sem mudanças profundas na política internacional do comércio, a Assembléia das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento está aí para dizer e demonstrar que aquilo que os países pobres recebem por u'a mão, eles o perdem e mais ainda pela outra mão.

Sei que a vocês jovens não digo novidades, não faço surpresas.

## 4. Condições para uma presença válida dos jovens dos países desenvolvidos em países subdesenvolvidos

Mas, talvez, vocês mesmos, os jovens, tenham interrogações sobre a validade de uma ajuda diferente: não em dinheiro, mas em presença e sobretudo em presença de juventude para ajudar os países subdesenvolvidos.

De modo geral, não vacilo em repetir: fiquem em casa, tentando ajudar as mudanças de estruturas, sem as quais as mudanças de estruturas entre nós serão impossíveis.

Mas há casos em que é válida a presença de jovens dos países desenvolvidos em países subdesenvolvidos: se não se trata apenas do espírito

de aventura; se não se trata de pessoas que buscam, em última análise, seu próprio ajustamento, mas, ao contrário, se se trata de jovens capazes de imitar o Cristo em sua Incarnação; se se trata de jovens capazes de esquecer a própria cultura mais larga e mais rica, para tornarem-se um como os outros, um companheiro, um irmão, então, sem dúvida, que eles serão bem-vindos e poderão ajudar. E' verdade que poderão ajudar, sobretudo, depois do regresso: o impacto das condições subhumanas lhes dará uma força de convicção que jamais poderiam obter em cursos puramente teóricos.

## 5. E' preciso desmoralizar a exploração anti-comunista

Fiquem alertas para denunciar um dos mais comuns e dos mais vulgares inimigos do desenvolvimento: o medo do comunismo que leva até pessoas bem intencionadas e sinceras a temer a mudança de estruturas ou a só exigir revisionismos prudentíssimos.

No fim do Império Romano o espantinho eram os Bárbaros. Hoje há pessoas que levam um comunista no nariz. Há pessoas que pregam ainda hoje a Cruzada anti-comunista e que têm admiração sincera por aqueles que lutam para salvaguarda do mundo livre. Há pessoas cuja filosofia política, por demais simplista, imagina o mundo dividido em uma metade capitalista com todos os valores e u'a metade socialista com todos os anti-valores.

Em nome do anti-comunismo, as estruturas subhumanas são mantidas para evitar o perigo das infiltrações de agitadores e subversivos.

## 6. E' preciso denunciar as injustiças, presentes por toda parte, como a violência nº 1

Jovens: ajudem a denunciar as injustiças existentes nos países subdesenvolvidos, mas também nos países desenvolvidos. Ajudem a denunciar as injustiças nas relações entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido. Estas injustiças, presentes por toda parte, são a violência nº 1.

Se chegarmos a um acordo sobre este ponto e os jovens dos países mais diversos; das raças, das línguas, das religiões mais distantes, partirem daqui decididos a combater as injustiças como ponto de partida de todas as violências; se vocês partirem convictos de que, sem justiça, jamais teremos paz verdadeira e duradoura, teremos aproveitado bem o nosso tempo.

## 7. E' preciso denunciar o anti-pluralismo e o sectarismo dentro do mundo socialista

Escutando as afirmações feitas até aqui, poder-se-ia chegar à conclusão de que o mal é a direita, e, sobretudo, a extrema direita. Ora, grave como a extrema direita é a extrema esquerda.

Quando os países subdesenvolvidos tentam escapar dos Impérios Capitalistas correm o perigo de cair na órbita dos Impérios Socialistas, tão frios e egoístas como os seus rivais.

Moscou e Pequim, na prática - não discuto intenções teóricas - lutam para impor seus modelos; não admitem o pluralismo e preparam ativistas convictos de que o materialismo dialético não é um dogma, mas um dado científico; preparam militantes que praticam e exigem a obediência cega ao partido.

Que se aceitem dogmas, parece-me u'a necessidade humana. Ai do homem sem convicções profundas, carne de sua carne, sangue do seu sangue. Ai



do homem sem uma razão para viver e para morrer. Mas rejeitemos no século das viagens espaciais e da cibernética, que se tente ressuscitar, prolongar, atualizar e superar a inquisição.

#### 8. E' preciso ter presentes as lições do Vietnam

A esta altura, sem dúvida haverá jovens pensando que o importante é registrar que nem se pode pensar em mudanças de estruturas sem violência armada, sem derramamento de sangue. Já se disse que a América Latina precisa de uns vinte Vietnams. Naturalmente, o Terceiro Mundo precisaria de três vezes vinte.

Jovens, meus amigos: é preciso aprofundar as lições do Vietnam. O que se passa ali não será solução para nenhum país subdesenvolvido. No fundo, dois Impérios se batem e qualquer que seja o vencedor, o vencido, o esmagado, o explorado será o grande e heróico povo do Vietnam.

#### III - Jovens, a violência dos pacíficos fica nas mãos de vocês

Direita e esquerda bem podem se unir para rir da violência dos pacíficos. As duas estarão de acordo para interpretá-la como sinônimo de falta de coragem, como pusilanimidade.

Sejamos honestos. Não esqueçamos que nem a esquerda, nem a direita têm soluções. Quem tem a solução? Quem pode falar como mestre de verdade, senhor das fórmulas? Todos tateamos na sombra.

Jovens, vocês que exigem a justiça sem aceitar a violência armada - parece solução sem ser solução - jovens que, para além das raças, das línguas, das religiões, sentem a urgência de um mundo mais justo, mais humano e mais fraterno, guardem estas três interrogações finais:

- não crêem que a escalada da violência se tornará inaceitável não só para os privilegiados e para os governos, mas, também, para aqueles que fizeram a opção pela violência?
- não crêem na força moral, eficaz e válida, representada por todos aqueles que exigem a justiça, sem aceitar a violência armada e que são milhões para além das línguas, das raças, dos partidos políticos e das religiões?
- não crêem que a violência dos pacíficos chegará a suscitar a imaginação criadora e a encontrar fórmulas válidas para desmontar o colonialismo interno nos países subdesenvolvidos e as injustiças, em escala planetária, na política internacional do comércio?

Apresentemos, de outra maneira, as três interrogações finais:

- a última palavra pertencerá à mentira ou à verdade?
- o homem será sempre tão estúpido para fazer a verdade depender da violência armada?
- a inteligência nos conduz ao desespero e ao suicídio ou à esperança e a uma comunidade solidária e fraterna?

/ / / / / / / /

#### TRES PEDIDOS A MEUS COLEGAS E IRMÃOS, OS TEOLOGOS

Conferência proferida, na Universidade de Louvain (Bélgica), no dia 21 de maio de 1970, por + Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, (Brasil) por ocasião do recebimento do doutorado honoris causa em teologia.

#### I. Maneira de agradecer-vos uma honra inesperada e imerecida

Quem recebe um doutorado honoris causa e, de certa maneira, entra na Universidade pela janela, tem obrigação moral de, pelo menos, demonstrar um profundo e sincero interesse, uma larga e constante curiosidade pelo domínio ligado a seu doutorado.

Mas, Deus meu, neste momento de perplexidade e de quase universal contestação nos domínios da fé, quem terá audácia suficiente para aceitar um doutorado em teologia?

Permiti que me submeta a exame diante de vós que, por direito de nascimento e de conquista, pertenceis, de fato, a esta Universidade, que tem seu lugar no Mundo Universitário de hoje.

Se estiverdes de acordo, faria o possível para dizer-vos o que os crentes e os não-crentes esperam dos verdadeiros doutores em teologia. Buscaria demonstrar-vos estas três proposições:

- 1 - Pensai em nós, os crentes, que temos necessidade de alguns dogmas, capazes de dar-nos uma razão para viver e para morrer.
- 2 - Atenção: os não-crentes vos olham. Não lhes deis a impressão de que a Igreja circula sempre e apenas em torno dela mesma.
- 3 - Crentes e não-crentes, nós vos pedimos: ajudai a Igreja a estar presente no Mundo, em uma atitude humilde e sincera.

Sentireis, mesmo no momento de verdades difíceis de escutar e sobretudo de aceitar, que é o amor que me faz falar: amor pela teologia; amor pelos teólogos; e, sobretudo, amor pelos homens e por Deus, razão de ser do vosso trabalho e de vossa vida.

#### II. Aprofundando os três pedidos

##### 1. Testemunhos vivos do Deus Vivo

Há, em nossos dias, um fenômeno que, certamente, já percebestes: é o espetáculo dado, aos homens e aos anjos, em países denominados pela extrema direita, por jovens marxistas, capazes de suportar trabalhos penosos e de sofrer torturas incriveis por seu ideal. Não esqueço as atrocidades cometidas dentro do mundo socialista. Mas a interrogação persiste: onde bebem jovens marxistas coragem, heroísmo, à altura dos mártires cristãos dos primeiros tempos? Eles só têm o materialismo dialético, só dispõem do humanismo ateu.

Que vergonha para nós cristãos, que, tendo todo o Evangelho, encontramos ainda maneiras de ser tão frágeis e tão medíocres!... Ai do homem que não tem dogmas, isto é, que não tem convicções profundas, carne de sua carne, sangue do seu sangue. Ai do homem que não tem uma razão para viver e para morrer! Claro que é diferente ter dogmas e pretender impô-los pela força.

Donde virá nossa mediocridade cristã? Temos grandes textos e belas



conclusões que ficam no papel. Fazemos o elogio da caridade e o Mundo desenvolvido - 20% da população da terra tendo entre as mãos 80% dos recursos humanos - ao menos de origem, é cristão. Nossa civilização cristã faz a guerra; alimenta o racismo; chega a criar riquezas baseadas na miséria; não têm a coragem de enfrentar os trusts internacionais responsáveis por injustiças em escala mundial.

Bastar-nos-ia viver de fato uma das verdades de nossa fé - diga-mos esta: que todos, sendo filhos de Deus, somos irmãos.

Teólogos, meus colegas e meus irmãos; teólogos de Louvain e de todas as Faculdades de Teologia do Mundo; teólogos católicos e teólogos de todas as religiões: sei que, em vossas pesquisas e em vossos estudos, vosso compromisso único é com a verdade. Mas será um erro imaginar teólogos que sejam testemunhos vivos do Deus Vivo?

Quando se tem a idéia do desenvolvimento integral, compreendido como desenvolvimento de todo o homem e de todos os homens, é evidente que haverá necessidade de técnicos, de peritos variadíssimos: economistas, sociólogos, políticos, educadores, artistas, filósofos, teólogos...

Não vos contenteis de ser pesquisadores, que dilaceram o dado teológico, com pulso firme e mão fria.

Sem dúvida, há purificações, há demitizações que se impõem. Mas seria absurdo chegar a uma negação total ou a uma dúvida universal.

Não gasteis o melhor do vosso tempo neste trabalho negativo. Tomai em vossas mãos algumas verdades sólidas, e que, de tal modo, elas vos possuam, elas se insiram em vós, elas sejam vosso sopro e vossa vida, - que, teólogo, chegue a ser alguém que, no meio das dúvidas, seja fé incarnada, audível, tangível.

Não penseis que vos imagino para além das tempestades, com um ar triunfalista de mestres da verdade e monopolizadores do Espírito de Deus. Tendo boa vontade de compreender os que, em plena luta, têm fome e sede de verdades fortes, capazes de romper icebergs de egoísmo e capazes de restituir a esperança a homens aviltados por uma situação subhumana.

## 2. Não esqueçamos a Igreja "ad extra"

Quatro dias antes do encerramento da primeira sessão do Concílio Ecológico Vaticano II, o nosso Cardeal Suenens, Arcebispo de Malines e Bruxelas, em uma das mais decisivas e aplaudidas intervenções daquele memorável Concílio, sugeriu a revisão de todos os esquemas conciliares, em função de dois polos:

- Igreja ad intra, isto é, sua natureza, sua constituição, seu poder central, seus membros (bispos, clérigos, leigos), sua missão educadora...
- e Igreja ad extra, isto é, em face dos grandes problemas que preocupam o Mundo atual: a justiça social, a paz, o desarmamento, a fome, o respeito à vida, a evangelização das massas, a pobreza.

O Cardeal foi o relator de "Lumen Gentium" e ao mesmo tempo o promotor da carta da Igreja "ad extra" que é "Gaudium et Spes". Nós sabemos quanto suas preocupações se dirigem ao mesmo tempo para os problemas internos da Igreja e para a Igreja no mundo. Por outro lado, a reforma interior conduz a uma melhor presença no mundo.

Eu não pretendo, de nenhum modo, negar a importância dos estudos sobre a figura do padre de amanhã sob todos os seus aspectos. Mas é preciso evitar dar aos de fora a impressão de que a Igreja, na hora atual, não tem olhos senão para seus próprios problemas.

Não penso, de nenhum modo, em negar a urgência da revisão, em profundidade, das estruturas da Igreja, pondo em forma a Colegialidade; obediência, com firmeza e coragem a reforma escriturística, a reforma litúrgica, a reforma missionária, a reforma escolar, a reforma ecumênica, a reforma da vida religiosa, a reforma do apostolado dos leigos... Mas, como absorver-nos, de todo, na Igreja ad intra, enquanto Biafra é acusação viva a todos nós, que só sabemos chegar após a catástrofe para tentar socorrer os sobreviventes; enquanto, no Vietnã uma das guerras mais horríveis da história continua a esmagar um povo heróico, vítima da ambição de dois Impérios, em luta pela dominação econômica e pelo prestígio político na Ásia; enquanto a miséria se agrava no Mundo e chega a matar como as guerras mais sangrentas?

Não penso, de nenhum modo, em negar o significado e a oportunidade dos Sinodos Diocesanos, e da criação de comissões, encarregadas das reformas previstas pelo Vaticano II. A Constituição Dogmática Lumen Gentium, sobre a Igreja é, sem dúvida, o ponto culminante do Concílio Ecológico. Mas que não seja esquecida a Igreja ad extra. Como permanecer indiferentes à marcha do Mundo, enquanto o homem começa sua aventura espacial; enquanto a secularização e a urbanização aceleram o passo; enquanto a cibernética prepara-se para revoluções técnicas, cuja consequência, reduziram, enormemente, o alcance de revoluções como a de 1789, ou até as de 1917 e 1929.

## 3. Presença humilde e colaboração discreta

Por que não contrabalançar os cuidados e as preocupações com os problemas da vida íntima da Igreja - e sejamos sinceros: muitas vezes, nossos próprios problemas - com o esforço sincero para ajudar a Igreja a tomar sua posição exata e assumir seu papel específico dentro do Mundo e a serviço da humanidade?

Ah! como os homens da Igreja comprometemos a Igreja do Cristo!... Quando encontramos a extrema esquerda e a extrema direita impondo suas ideologias pela força e chegando a terríveis atrocidades, como esquecer o fantasma da inquisição, precursora das torturas de hoje? Quando somos recebidos com desconfiança e má vontade, como esquecer que, durante séculos, liberdade religiosa nós a queríamos e exigíamos para nós e somente para nós? Quando sorriem de nossas exigências de mudança de estruturas, responsáveis pela manutenção de milhões de filhos de Deus em situação subhumana, como esquecer que nós mesmos estamos presos pela engrenagem?

Ajudai-nos, teólogos! Com a autoridade de vossa ciência, não considereis indigno de vosso saber e fora de vossa especialidade recordar - que a maneira de ganhar sua alma é perdê-la. Se, de verdade, chegarmos a abrir-nos aos grandes problemas humanos, estaremos, no interior da Igreja, mais próximos de entender-nos e de marchar juntos. Se, de verdade, assumirmos uma atitude de esquecer o prestígio, de não aceitar caminhar sobre exigências, de não aceitar pretender impor-nos, nós os Excepcionais, em nome da Autoridade, nosso Clero e nosso Laicato se aproximam de nós e o Povo de Deus será um sinal do Cristo, por sua unidade e seu amor. Se, de verdade, nos decidirmos a imitar o Cristo - não só em palavras mas em atos - e demonstrarmos nossa alegria de servir, de ser humildes, de aceitar ser um entre os outros, poderemos repetir a palavra célebre não sendo ainda o começo do fim, será o fim do começo.



### III. Fidelidade ao Espírito de Louvain

Sinto-me à vontade para falar d'este modo porque sei que pertence ao espírito de Louvain ajudar a Universidade a estar presente no Mundo, sem nenhum pensamento de dominação, em uma atitude sincera de serviço.

E' verdade que os ventos nos ajudam. Vistes que a "Declaração dos Bispos Belgas sobre os problemas do desenvolvimento" é, sem dúvida, a mais válida declaração já feita sobre o assunto por uma Hierarquia do Mundo desenvolvido. Percebestes que, no clima de Louvain, a juventude ultrapassou a perspectiva paternalista de "ajuda aos países subdesenvolvidos" pela política exata, traduzida por uma palavra de ordem perfeita: "colaboração para a libertação". Cobristes, com vossa força moral, o esforço de um grupo de estudantes, de assistentes e de professores de vossa Universidade que logrou preparar um "dossier sobre as Colônias Portuguesas" - estudo que poderá ajudar Portugal a abrir os olhos e a não aceitar marchar contra a história, e poderá ajudar a Bélgica a descobrir-se como colaboradora, através da Otan e da indústria, de opressões e explorações insuspeitadas e inaceitáveis para o povo belga.

Universidade de Louvain, exige, fraternalmente de vossos teólogos que eles vos ajudem a salvar sempre mais, o espírito de Erasmo, de Adriano VI e de Mercier.

Erasmo, professor em vossa cidade, do "Collegium trium linguarum" é louvenista de espírito. Ele pode ensinar ao homem de hoje, o amor da tolerância, da liberdade religiosa e da paz.

Adriano VI, professor de Louvain, pode ensinar, a nós todos o horror do fanatismo que ameaça, sempre mais a apoderar-se do Mundo, através da violência da direita e da esquerda, dos opressores e dos oprimidos!

Mercier, sinal e símbolo desta Casa, teria, certamente, compreendido os sinais do tempo e seria o primeiro a encorajar-vos a ir sempre mais longe no esforço para por a Universidade - para servir não para ser servida - no coração dos problemas da hora que passa.

/ / / / / / / / /

### PACTO POLÍTICO E MILITAR OU PACTO DE JUSTIÇA E DE AMOR

Conferência proferida, em Bruxelas (Bélgica), por + Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil) em 22 de maio de 1970.

#### I. Indiscrição aparente: testemunho de irmão

Busco medir minha responsabilidade: se atravesssei o Atlântico e aqui estou para pedir-vos a atenção, tendes o direito de esperar que nos so encontro seja dedicado ao exame de alguns dos maiores e mais graves problemas da hora atual.

Há uma sugestão, de uma importância enorme, que nos vem do Oceano no mesmo que tive de atravessar: será que podemos conversar sobre o Pacto Atlântico? Imagino bem que para muitos de vós esta sugestão seja decepcionante, incompreensível, difícil de ser aceita:

- por que um Bispo pretende discutir um assunto político?
- por que pretende ele examinar um assunto interno, vital para a segurança nacional de um país, duas vezes já esmagado?
- por que pretende ele por em dúvida uma aliança política e militar aceita, tranquilamente, pela quase totalidade dos belgas?
- a escolha desse tema por si só não será uma demonstração evidente de que mereço o título de Arcebispo Vermelho? O Pacto Atlântico não representa a garantia em face do comunismo?

Permiti-me que tente responder a essas objeções preliminares, esperando que as simples respostas nos ajudem a medir o alcance, a oportunidade e a urgência de nosso assunto.

1ª objeção: Bispo e política, Igreja e política. A dúvida seria perfeitamente válida se se tratasse de política partidária. Quando se trata, como é o caso, de política enquanto preocupação com o bem público, com a paz do Mundo, o Bispo, a Igreja não têm o direito de abster-se, de calar.

2ª objeção: O Pacto Atlântico é assunto interno, vital para a segurança do país. Hoje, os problemas são de tal modo ligados e interligados; eles assumem, tão facilmente, dimensões mundiais, que um assunto como o Pacto do Atlântico pertence à Humanidade inteira. Permiti-me que acrescento: é verdade que sou um latino-americano, um brasileiro; é verdade de que tenho raízes profundas lá onde a Providência me permitiu nascer. Mas, quando viajo, busco fazê-lo como uma criatura humana. Aqui, sou um homem no meio dos homens, um irmão no meio de irmãos. Não me sinto jamais um estrangeiro em nenhum país do mundo.

3ª objeção: O Pacto Atlântico é assunto tranquilo para quase totalidade dos belgas. E' precisamente a razão de perguntar-vos se não sou a hora de ter a coragem de reexaminar este Pacto. Será que ele é tão ingênuo e tão simples ou apresenta implicações que todos devemos conhecer e ter claramente sob os olhos?

4ª objeção: Será que levantar este tema não é fazer o jogo dos comunistas? Vereis que os Impérios socialistas não serão esquecidos e rejeitados, no momento exato, a crítica severa que eles, também, merecem.

Eu vos saúdo porque, aqui, temas tão graves e tão ligados aos interesses do País têm a possibilidade de ser discutidos com toda a liberdade. Aproveitai, belgas, meus amigos e meus irmãos, deste dom raro e divino que é a liberdade!



## II. Algumas graves implicações de um Pacto que parece tranquilo

### 1. Obsessão anti-comunista e suas consequências

Há pessoas inteligentes e sinceras que julgam, tranquilamente - que o mais grave problema de hoje é a luta entre comunistas e não comunistas. Os que pensam desta maneira, olhando o lado socialista, descobrem nele o esmagamento da pessoa humana, da família, da pátria, da Religião; olhando o lado anti-comunista, nêle encontram a honra, o amor da verdade, o respeito aos direitos humanos, às tradições familiares, nacionais e religiosas. É fácil compreender que aqueles que têm esta visão do mundo desejem Cruzadas contra o Comunismo e tenham uma aprovação prévia para todas as medidas necessárias - inclusive as guerras mais sangrentas e horribéis - desde que se trate da defesa do Mundo livre.

A divisão, a verdadeira divisão, em nossos dias não é entre capitalismo e socialismo, entre este e oeste, mas entre o hemisfério norte e o hemisfério sul.

No norte, desenvolvido, 20% da população mundial têm, nas mãos, 80% dos recursos humanos. No sul, subdesenvolvido, 80% da população do mundo possuem, apenas, 20% dos recursos da terra.

Dentro do mundo desenvolvido, há duas super-Potências. As duas se olham, se observam, se espionam mutuamente. Elas fizeram, entre si a divisão da terra. Elas têm suas órbitas, seus satélites. Em uma permanente-guerra fria, elas se entregam à corrida de armamentos e à corrida espacial. Cada uma das duas super-Potências tem possibilidades de fazer desaparecer a vida do nosso planeta.

O que dá a impressão de luta entre capitalismo e comunismo é que as duas super-Potências se chamam: U.S.A. e U.R.S.S.

É uma ilusão pensar que os U.S.A. fazem a guerra para defender o Mundo livre. A ilusão se evidencia por dois argumentos principais: -

- os Estados Unidos sabem, muito bem, que os países subdesenvolvidos só de nome são livres. De fato, são escravos da miséria e da fome.

- os Estados Unidos sabem, que o regime capitalista é criador de riquezas às custas da miséria dos países pobres. O regime capitalista dá a impressão de generosidade e, no entanto, na realidade, o capitalismo externo se alia aos capitalistas ou pre-capitalistas internos para manter as massas dos países subdesenvolvidos em uma situação subhumana. Eles se aliam para fazer esmolas, para promover o assistencialismo e, para isto, aceitam, de bom grado a colaboração da Igreja. Mas, capitalismo externo e capitalistas ou pre-capitalistas internos se aliam, também, para denunciar como subversão e comunismo qualquer veleidade de justiça, de conscientização e de promoção humana.

A Rússia Soviética será diferente? Os países subdesenvolvidos sabem que, em seu esforço para dialogar com os países desenvolvidos, o egoísmo e a frieza da Rússia lembravam, enormemente, a frieza e o egoísmo dos Estados Unidos.

E quando a Rússia aparece, ajudando Frentes de Libertação, as populações locais podem estar seguras do alto preço a pagar: a Rússia não admite o pluralismo, impõe seu modelo único, e exige a aceitação do materialismo dialético como um dado científico, estabelece a mesma ditadura que ela vive internamente, com o conhecido clima de suspeições, de delações, de auto-críticas e de depurações.

### 2. A situação mudou em profundidade?

Escutando essas afirmações, a direita e a esquerda, por motivos diversos, apressam-se em gritar que a situação sofreu mudança profunda.

A direita lembra que, dentro do Mundo capitalista, os Estados Unidos não são mais os únicos poderosos: há, agora, o Mercado Comum Europeu e há vários países capazes de marchar rápidos nos domínios da mais avançada tecnologia e possuindo já a bomba nuclear.

A esquerda lembra que, dentro do Mundo Socialista a Rússia Soviética não é mais a única potência: há a China Vermelha, cujo progresso tecnológico é espantoso e cuja atitude pode ser medida por seu embate com a Rússia, que ela considera ultrapassada e reacionária.

No fundo, o problema para os 2/3 do Mundo permanece o mesmo, se não se agrava. Diz-se que a euforia dos primeiros dias do Mercado Comum Europeu cede lugar à preocupação pela presença dos Estados Unidos forte de mais, sensível demais, avassaladora demais.

De que adianta pertencer ao Clube Nuclear se o efeito é acelerar a escalada da violência?

Do lado socialista, sem julgar as intenções da China Vermelha, os Maístas que surgem em nossos países apresentam as mesmas deformações que os Russos: mesma falta de abertura para o pluralismo, mesma imposição do materialismo dialético, mesmo clima de ditadura, muito semelhante ao das ditaduras fascistas.

Em consequência da distância sempre maior entre os países pobres e os países ricos, a proletarização, a miséria e a fome crescem sempre. E há, sempre, dentro dos países ricos, zonas de miséria, que elas também crescem.

Pactos políticos e militares com qualquer das duas super-Potências, têm consequências: seus signatários se tornam cúmplices das iniquidades ligadas às atividades do Império em torno do qual começam a circular.

### 3. Posição difícil dos Pequenos

É fácil compreender a dificuldade de pequenos países no meio de Gigantes que se batem e se ameaçam. Que escolha fazer? Fazer esforço de acompanhar a corrida armamentista tendo presente que armas como a bomba nuclear nivelam grandes e pequenos? Não tendo possibilidade de preparar, diretamente, a bomba, o preferível será escolher um dos Gigantes e por-se à sua sombra, sob sua proteção? Tentar permanecer neutros, não irá criar o perigo de ser esmagados pelos inimigos em luta? Diante da posição dos Países não-aliados, que pensar? Eles realizaram sua terceira reunião, em julho passado, uma segunda vez em Belgrado. Quando se examina a lista dos participantes de sua última reunião, há surpresas notáveis. Para comentar apenas alguns exemplos: como pode a Jugoslávia exercer a liderança dos não aliados, dada a intransigência da U.R.S.S. em face de seus Aliados? Como a Nigéria conseguiu explicar-se diante das ajudas recebidas, ao que se dizia para o vergonhoso esmagamento de Biafra? A República Árabe Unida, em sua luta com Israel, não é uma demonstração do aforismo bem atual: guerra visível entre pequenos, sinônimo de embate invisível entre grandes?

Tenhamos a honestidade de reconhecer: para os que, sobretudo em pequenos Países, carregam nos ombros a responsabilidade da decisão em nome de seus concidadãos, de olhos abertos para os problemas da humanidade, dizer sim ou não, decidir-se por um dos Blocos ou permanecer não aliado, deve ser um embaraço terrível. Em certos momentos, eles devem conhecer os sofrimentos da perplexidade.



## 4. Posição-chave dos Pequenos

Os pequenos Países do Mundo desenvolvido podem e devem, no entanto, assumir a posição-chave na luta dos Impérios, que se prolonga e se terniza na terra. Em lugar de pender para um lado ou outro, por quem não se ligar, em um verdadeiro espírito de fraternidade, com os Países subdesenvolvidos e com as zonas subdesenvolvidas dos Países de abundância?

Mas, esta aliança dos pequenos e fracos para não ser ridícula, para obter respeito, para ser escutada não deve adotar as armas, e a estratégia e os métodos dos grandes e poderosos.

Na hora atual, 20% do Mundo têm entre as mãos 80% dos recursos da terra. Se, dos 20% dos Privilegiados, deduzirmos os pequenos Países desenvolvidos, a porcentagem cairá a 10%.

Não pensaremos, de nenhum modo, em uma aliança para esmagar os 10% dos Privilegiados: basta-nos não ser esmagados por eles; basta-nos parar as injustiças, as violências, o ódio...

Dos 10% dos Privilegiados restantes, temos ainda conquistas a fazer: há a juventude, excetuada a pequena parte que, na extrema direita, se prepara para ultrapassar os próprios pais em violência e opressão; há pessoas de boa vontade e todos aqueles que, fazendo a verdade, chegarão à luz. Não é exagerar fazer cair a porcentagem para 5%.

O Mundo mereceria um novo dilúvio se 95% não soubessem convencer os 5% dos Privilegiados. Eu disse convencer - o que é bem mais difícil, mas incomparavelmente mais válido e mais belo do que apenas vencer. E não esqueçamos que estes 5% de Privilegiados terão tendência a entredevorar-se, porque a ambição humana não tem limites.

Em lugar de Pactos políticos e militares, busquemos chegar a um Pacto Universal de justiça e de amor.

## III. "On ne passe pas"!

Um dia - estávamos no ano trágico de 1914 - os alemães, para atingir a França, tentavam atravessar a Bélgica. E o Mundo estremeceu de emoção, escutando o grito da Bélgica: "on ne passe pas". Ela sabia que seria esmagada: mas, seus amigos, seus aliados teriam tempo para reagir.

A guerra, horrível em todos os tempos, chega, nos nossos dias, a tornar inúteis e impossíveis mesmo gestos heróicos como o de vosso rei Alberto.

Felizmente, hoje se sabe que a guerra é peça do contexto maldito da ambição imperialista.

Bélgica: lidera os pequenos países desenvolvidos na união com os países subdesenvolvidos e com as camadas subdesenvolvidas dos países de abundância, e com as pessoas retas e de boa vontade que nos esperam no meio do grupo minúsculo dos Senhores do Mundo.

Seremos invencíveis! Poderemos, juntos, e com muito maior chance, repetir a palavra, tão cara a vosso coração: "on ne passe pas".

/ / / / / / / / /

## MEDITAÇÃO E PRECE, DURANTE UMA VIGILIA ECUMENICA,

## NA CIDADE ECUMENICA DE LYON

+ Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), em 24 de maio de 1970.

I. Terás um amanhã, ecumenismo?

Em teoria, supomos, todos conhecemos os caminhos para o ecumenismo. Quem não sabe que é mais fácil encontrar-nos em torno do Cristo que sofre na Pessoa do pobre, do que em torno da Mesa Eucarística, ou até da Mesa da Palavra? Disse mais fácil. Digamos, mais exatamente, menos difícil porque, há de fato, obstáculos no caminho desta marcha ecumênica para a libertação do Cristo-Oprimido.

Busquemos, examinar, juntos, alguns obstáculos mais graves, a ultrapassar, sem demora. O ecumenismo poderá ajudar, de maneira decisiva, as Religiões a livrar-se de miúdas discussões internas para abraçar, juntas os grandes problemas humanos. O ecumenismo poderá trazer uma colaboração válida para corrigir a ótica dos Países de abundância em sua visão sobre os Países pobres. O ecumenismo poderá encorajar uma posição profética diante da violência. Alguns casos extremos nos ajudarão a abrir, de maneira ainda mais larga, os olhos.

E todos esses problemas nós os olharemos, daqui, desta Cidade Ecumênica, desta Cidade Operária, outrora Cidade dos Pobres. Chegaremos a fazer um estudo, meio-meditação e meio-prece, mas de todo voltado para o amor dos homens e para o amor a Deus que são, afinal, um só e grande Amor.

II. Obstáculos a ultrapassar, sem demora1. Das miúdas discussões internas aos grandes problemas humanos

Perdoai-me, se chegar a cometer um pecado contra o ecumenismo: mas, em matéria de ecumenismo, me é difícil, se não impossível, encontrar barreiras. Hoje, os problemas humanos são tão enormes e complexos; suas dimensões são tão mundiais que sonho ver caminhar, juntos todos os que creem em um Criador e Pai, e que, logicamente, se sabem e se sentem irmãos. Parece-me necessário ir mais longe ainda: por que excluir os homens de boa vontade, que, mesmo se não tiverem alegria de crer em um Deus, dedicam suas vidas ao amor do homem?... Conheço a palavra célebre, vindo de alguém que é Alguém, mas palavra célebre que temos necessidade, me parece, de rever. Alguém disse que um humanista ateu é duas vezes ateu. E se pensássemos de outra maneira, se encarácemos de outro ângulo e disséssemos: um humanista ateu já está a meio caminho, porque amando o homem, já cumpru a metade da lei? Indo mais longe, poderíamos proclamar: quem ama o homem, mesmo sem o saber e talvez sem o querer já ama a Deus, Criador e Pai do homem.

Sou a hora de reunir todos aqueles que amam o homem, e que, amando a humanidade inteira, sem restrições, sem fronteiras nem territoriais, nem ideológicas desejam salvar o Mundo das injustiças, para arrancar todas as raízes da violência e encontrar, para a paz, alicerces válidos.

Crentes de todas as Religiões: é verdade ou não, que, dentro de cada uma de nossas Religiões nós nos afogamos em miúdos problemas que crescem a nossos olhos? Desperdiçamos um tempo precioso em lutas internas, que lembram, muitas vezes as discussões nominalistas ou as discussões sobre o sexo dos anjos! Perdemos um tempo enorme para saber se Deus está morto ou para precisar em que sentido podemos ou mesmo devemos falar sobre a morte de Deus.



E' evidente que temos necessidade urgente de enfrentar juntos os grandes e verdadeiros problemas da humanidade, em sua dimensão planetária.

Que esperança suscita em nós a convocação para Kioto, no Japão, em outubro próximo de uma Conferência Mundial sobre Religião e Paz? Que caminhada preciosa se, em Kioto nos pusermos de acordo ao menos sobre este ponto: que a paz será impensável sem a justiça! Que caminhada preciosa se nos comprometermos a fazer o possível e o impossível para tentar engajar a fundo nossas Religiões para que triunfem a justiça e o amor, únicos e verdadeiros caminhos para a paz! Então, em Kioto, poderemos proclamar o início de nova era, a abertura do século XXI.

## 2. Da ajuda aos Países subdesenvolvidos à colaboração para a libertação

E' fácil obter acordo quando se fala de ajuda aos Países pobres, quando se mostra a realidade da ascensão da miséria e da fome... Então, os particulares e até os governos se decidem a abrir a bolsa e, de certo modo o coração. Mas quando queremos ir ao coração do problema para denunciar graves e inaceitáveis injustiças na política internacional do comércio, então, é quase impossível até ser escutado.

Se líderes de todas as Religiões do Mundo chegassem a ver claro neste domínio; se chegassem a compreender que as ajudas mais largas e generosas são devoradas pelas perdas em consequência da política dos preços, estabelecidos, de maneira unilateral, pelos fortes e poderosos - política de preços que subestima, sempre mais, o custo das matérias primas, fornecidas pelos Países pobres e superestima o valor dos produtos manufaturados e industrializados dos Países de abundância; se os líderes de todas as Religiões pudessem voltar do Japão decididos a ajudar a pressão moral libertadora em favor da justiça no comércio internacional, talvez tivéssemos condições para ajudar a salvar o Mundo da catástrofe e do caos.

Na Bélgica, em lugar de falar de ajuda aos Países subdesenvolvidos, os jovens falam de "colaboração para a libertação". Se se tratar da verdadeira libertação, então o slogan é perfeito, é exata e segura a idéia.

## 3. Do profetismo em face da violência

Soou, para todas as Religiões, a hora de denunciar as injustiças existentes em toda parte, como um verdadeiro ponto de partida da violência.

Há injustiças enormes dentro dos Países subdesenvolvidos que vivem uma situação de colonialismo interno, porque privilegiados locais mantêm a própria riqueza sobre a miséria da multidão de seus concidadãos. Há injustiças inimagináveis nos Países subdesenvolvidos, onde falar de condição subhumana não é, de modo algum, demagogia.

Mas, há, também, graves injustiças dentro dos Países desenvolvidos, dos Países ricos. E nada como denunciar estas injustiças internas para fazer compreender que a riqueza dos Países de abundância tem suas raízes na miséria dos Países pobres.

Parece fácil, a primeira vista, denunciar, em cada País, as injustiças de casa. E' difícil. Na verdade, é difficilissimo. Os Governos aceitam a colaboração das Religiões na medida em que elas se dispõem a ajudar a manter a ordem social. A partir do momento, em que as Religiões proferem um julgamento sobre a inexistente ordem social ou mesmo apenas perguntam a si mesmas se se trata de ordem ou antes de uma desordem estabelecida, as Religiões são julgadas infiéis aos próprios princípios, às próprias tradições; são julgadas como fermento de subversão e focos de agitação.

Eis o profetismo que a humanidade espera das Religiões na difícil,

mas, ao mesmo tempo, maravilhosa hora atual. Mas é preciso - eu o repito - o milagre de caminhar juntos. Se para denunciar as injustiças só aparecem alguns, aqui e ali, dentro de duas ou três Religiões eles estão perdidos, serão esmagados. Ninguém os ouvirá.

Se nos decidirmos a abraçar os grandes problemas humanos, ultrapassaremos discussões ridículas e seremos os profetas dos tempos novos que proclamam, bem alto, a vontade do Pai sobre este Mundo. Então a juventude terá olhos, respeito e até amor para com a Religião. Em lugar de discutir sobre existência do Criador e Pai, nós nos uniremos, de bom grado, sob sua bênção.

## 4. Alguns casos extremos ajudam-nos a abrir, mais largamente, os olhos

Permiti-me que vos lembre alguns casos extremos que são um desafio a nossa fé ou mesmo simplesmente ao nosso sentido humano. Sei que me ponho em terreno delicadíssimo, para o qual ainda tenho a confiança de chamar-vos. Mas casos extremos provocam nossa atenção e nos ajudam a abrir mais largamente os olhos. Começarei a lista. Cada um de vós, de regresso para casa, a completará:

- Portugal. Portugal: é triste não compreender a história! Que sofrimento, sobretudo para um brasileiro que ama Portugal e os portugueses sentir, em consciência, a obrigação de dizer: é incrível, Portugal, que persistas em agarrar-te ao velho Colonialismo. Teus Aliados dão a impressão de compreender e aceitar tua explicação sobre as Províncias de Além Mar. Não há mais lugar para o Colonialismo. Não admittas ser julgado pela posteridade como o último País a compreender que o fim do Colonialismo já soou!

- Irlanda, nossa irmã: é incrível uma guerra de Religião em plena era do ecumenismo: Se todas as guerras são tristes, lastimáveis e absurdas, lutar por Religião, matar em nome do Cristo é por o ódio a serviço do amor. Não permitas que o País de O'Connell mereça o desprezo e a zombaria da humanidade!

- Biafra, vergonha de todos nós! Nós vimos, nós escutamos, nós esperamos. Depois do desastre, depois da catástrofe, chegamos todos desajeitados de ajudar. Descubramos u'a maneira de jamais permitir que o fenómeno Biafra se repita!

- Até quando, Paris, continuará, em tua casa a comédia das conversações de paz Vietnamita? Continuas a ser a Capital Intelectual do Mundo. Não se tem o direito de escolher Paris para comédias ridículas como a conversação sobre o Vietnam onde todos desconfiam de todos e ninguém diz nada a sério.

## III. Prece ao Senhor, feita em Lyon, Cidade Ecumênica, Cidade Operária, - outrora Cidade dos Pobres

Vós todos que credes em Deus, acompanhai-me nesta tríplice prece, dirigida ao Senhor, a partir desta Cidade tão especial, tão singular, de passado tão rico. Seremos acompanhados, tenho certeza disso, pelo respeito de todos os que, não tendo fé, amam a criatura humana e se dedicam à causa da justiça como condição de paz.

Senhor, estamos reunidos em Lyon, Cidade do Padre Couturier, Cidade Ecumênica. Juntos, nós vos pedimos: abençoai a futura Conferência Mundial sobre Religião e Paz. Ajudai seus participantes, delegados de todas as Religiões do Mundo, a compreender o papel providencial do Ecumenismo para ajudar as Religiões a descobrir a grandeza de suas responsabilidades, enfrentando, juntas, os verdadeiros



grandes problemas humanos da hora atual. Dai-lhes a força dos profetas para denunciar as injustiças como ponto de partida das violências que ameaçam devorar a humanidade!

Senhor, estamos em Lyon, Cidade Operária, ajudai os Trabalhadores de Lyon a convencer os Trabalhadores de França, que lutam tão valorosamente pela justiça que enquanto existirem, em qualquer parte do Mundo, Trabalhadores em uma situação de miséria e subemprego, eles não terão direito de cruzar os braços e de enrolar as bandeiras. Se eles perguntarem que poderão fazer, que o vosso Espírito lhes sobre a atitude exata na hora precisa.

Senhor, estamos reunidos em Lyon, outrora Cidade dos Pobres. Sem dúvida, que ainda há pobres aqui. Eles vêm de Portugal, da Espanha, da Itália, da África do Norte ou da África Negra. São os pobres de hoje, aqueles que estão constantemente em busca da terra prometida. Mas houve tempo em que os pobres eram tão numerosos em Lyon e sua miséria, em momento dado, era de tal modo injusta e dura, que Lyon ficou sinônimo de Cidade dos Pobres.

Ajudai, Senhor, os Pobres do Mundo inteiro, os Oprimidos, os Humilhados, a descobrir sua força imensa, com a condição de que tenham a inteligência de trocar as armas usadas pelos poderosos pela arma invencível dos Ninguém: sua união pacífica, aos milhões, para exigir a justiça como condição de paz.

/ / / / / / / / / /

## JOANA, SERÁ QUE COMPREENDES E AMAS A NÃO VIOLÊNCIA

Conferência proferida, em Orleans (França), por + Helder Camara, Arcebispo de Olinda e Recife, (Brasil), no dia 25 de maio de 1970.

### I. Orleans, cidade que nos atrai e faz pensar

Desde a infância, ouvimos falar de Orleans e de Joana. Os dois nomes se ligaram para sempre em nossa imaginação. Quem não gostava de escutar, mesmo em plena adolescência, os feitos de Deus através de uma jovem, sem dinheiro, sem cultura e sem força? Quem não gostava de saber que Deus se serviu da fraqueza de Joana para revigorar a coragem da França e libertá-la? Quem não estremeceu de alegria vendo a coragem da Igreja de rever o processo de Joana e de proclamar Santa, a Condenada, a Perjura, a Feiticeira de ontem?

Hoje, que as guerras, sempre horríveis, se tornam absurdas e de todo inaceitáveis; hoje que a violência ameaça conduzir o mundo ao caos, Orleans e Joana levantam problemas muito graves e muito sérios:

- como Deus mesmo encara a violência, se, algumas vezes, Ele suscitou Libertadores do Povo, encarregados de conduzir a guerra e até de exterminar os vencidos?

- será que o Senhor, ainda hoje, suscitaria uma jovem como Joana ou havia de preferir fazer seu Espírito soprar sobre a juventude para despertá-la e levá-la a bater-se por um mundo mais justo e mais humano?

- será que a Santa Guerreira sorri da violência dos pacíficos ou, em nossos dias, ela nos ajudaria - e nos ajudará junto de Deus - a interligar os homens de boa vontade, para além das barreiras de raça de língua, de religião, para, juntos e na mesma direção, exercer a pressão moral libertadora, capaz de enfrentar as injustiças, ponto de partida de todas as violências?

### II. Problemas graves que Orleans suscita

#### 1. Deus e a violência

Um dia, o Apóstolo Paulo, falando aos judeus de Antioquia de Pisidia, lhes disse: "Homens de Israel e vós que temeis a Deus, ouvi. O Deus deste povo, o Deus de Israel, elegeu nossos pais e fez crescer esse povo durante seu exílio na terra do Egito. Depois, usando a força do seu braço, Ele os fez sair e durante perto de 40 anos, Ele os rodeou de cuidados no deserto. Em seguida, depois de ter exterminado sete nações na terra de Canaan, Ele lhes entregou a posse deste país".

Ouvistes bem? Deus usou a força de seu braço e exterminou sete nações na terra de Canaan, para ali estabelecer o povo judeu, o povo eleito.

Os especialistas em teologia, apontam, facilmente, uma dezena de explicações. Para o leitor crente e simples da Bíblia, Deus que exterminava nações inteiras para colocar, no lugar delas, uma outra nação, é um mistério. Deus de certo modo, se ajustava à mentalidade primitiva dos Povos de antes de Cristo.

O Filho de Deus, tornando-se homem pelo amor do homem, não ensinou apenas uma doutrina que aperfeiçoasse a doutrina antiga, mas trouxe ao homem uma força acima de sua fraqueza.



Nós que vivemos depois da Incarnação, somos mais responsáveis que nos sos antepassados. Temos uma obrigação muito maior de ser mais humanos. O Cristo ensinou essa verdade, de maneira claríssima, sobretudo no Ser mão da Montanha.

Que tristeza ver que, depois de dois mil anos da vinda do Cristo, os 20% dos homens que têm nas mãos os 80% dos recursos da terra, os 20% de privilegiados e egoístas, ao menos de origem, são cristãos.

Que tristeza ver que os 20% de privilegiados, de origem cristã são os responsáveis diretos pelas guerras sempre mais horribéis e pela miséria, a mais mortífera das guerras!

Não duvidemos:

- se, no passado, foi-nos possível talvez admitir e até aprovar guerras justas e mesmo guerras religiosas, hoje, sobretudo em consequência da guerra nuclear e da guerra química, parece e vidente que se deve partir para uma condenação absoluta e to tal da guerra. Quem não guarda, no ouvido e no coração, o grito, cheio de esperança, de Paulo VI, na ONU: "jamais a guerra! jamais a guerra!"

O Movimento "Pax Christi" convida a rever o slogan: "Se queres a paz, prepara a guerra", dizendo, ao contrário: "Se queres a paz, prepara a paz":

- se, no passado, foi possível, talvez, compreender e até apro var, em casos especiais, a violência armada, hoje, venço como o mundo cá na escalada da violência, na espiral da violência é preciso rever e reaprofundar o conceito de violência. E' pre ciso, antes de tudo e sobretudo, ter bem presente que o ponto de partida de todas as violências, a violência-mãe é a inju stícia, presente por toda parte: dentro dos países subdesenvolvidos, mas também dentro dos países desenvolvidos, e nas rela ções entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido.

Se os Governos desejam combater as violências, em lugar de responder à explosão dos oprimidos por violências ainda mais fortes, é preciso que se decidam, de uma vez por todas, a enfrentar o esmagamento dos oprimi dos. Mesmo para os governos mais fortes, não será fácil enfrentar os trusts internacionais, responsáveis últimos pela distância sempre mais larga entre países de abundância e países de miséria.

## 2. Que podemos esperar, hoje, do Senhor?

Diante das injustiças em escala planetária; diante da proletarização, - também ela, de escala mundial; diante da espiral da violência, será que Deus vai suscitar uma nova Joana?

O milagre já se deu. Desta vez, em lugar de suscitar uma jovem, o Se nhor levanta a Juventude, dando-lhe um pouco por toda parte, fome e sê de de justiça, e decisão para exigir um mundo mais justo e mais humano.

E' evidente que não poucos adultos sorrirão. Há adultos que não fazem segredo quanto ao julgamento severíssimo em face da juventude de hoje. Eles resumem a visão que têm dos jovens do nosso tempo dizendo que ê les só vêem o sexo, caem no ateísmo e têm, como verdadeiro clima, o co modismo e o snobismo.

A verdade é que os jovens muitas vezes sentem falta de compreensão e de amor. Buscam, e quase sempre sem encontrar, amor e compreensão em casa, na escola, na Igreja...

Se os pais, os professores, os pastores - os educadores e adultos de modo geral - pudessem encorajar os jovens, abrindo-lhes um largo crê dito de confiança e, sobretudo, dando-lhes exemplos tangíveis de vidas animadas por uma razão de viver, então, os adultos de nosso tempo terí amos possibilidades de reconhecer que a juventude que está aí, sob os nossos olhos, em seu conjunto, é uma das mais notáveis de todos os tem pos. Entretanto, mesmo se os adultos não estivermos à altura de nossa responsabilidade tão grave, Deus, que conhece como ninguém a complexidade e os problemas, mas, também, a esperança e a beleza da hora que passa, suscita uma juventude à altura da guerra diferente, da Cruzada digna de fazer esquecer o lado altamente negativo das bem intencionadas Cruzadas Medievais, mas, ainda e sobretudo, de fazer esquecer as abomi náveis Cruzadas, convocadas, aqui e ali, pela extrema direita, aparente mente, para defender a fé e salvaguardar a ordem social: na verdade, pa ra salvaguardar os privilégios abusivos, responsáveis pela manutenção de 2/3 do mundo em uma situação subhumana.

## III. Joana e a guerra única, válida em nossos dias.

Guerra diferente, a única válida em nossos dias? De que guerra se trata? Da guerra contra a miséria e a fome. Da guerra contra a manu tenção dos 80% da população da terra em uma situação subhumana. Da guerra contra as injustiças que se acham na raiz desse escândalo que só faz cres cer.

Como já vimos, que a guerra, doravante, é simplesmente absurda e imoral, é preciso partir para a violência dos pacíficos. Que não se a presssem em sorrir os que zombam da não-violência. Se não acreditamos na pressão moral libertadora, não reconheceremos o valor das idéias, a força da verdade e do amor. Então, é preferível fechar as escolas, inclusive as universidades, é preferível fechar os jornais, as revistas, o rádio, a televisão e todos os onipotentes meios de comunicação social; é preferível cantar um requiem a todas as religiões, que todas se baseiam em verdades e trabalham na suposição do valor da formação humana.

E' conhecida a dúvida razoabilíssima: as instituições escolares, as instituições encarregadas dos meios de comunicação de massas, as insti tuições religiosas têm compromissos com a engrenagem econômica e não é possível contar com elas.

Com elas enquanto instituições; com elas no sentido de pensar em tê-las, globalmente, engajadas em uma luta, mesmo pacífica contra as injustiças, ponto de partida de todas as violências, não poderemos jamais contar. Mas, dentro de todas as instituições - até no seio do poder eco nômico, político, militar - é possível encontrar o despertar minorias que esperam contra toda esperança e que se decidem a exigir a justiça como ca minha para a paz.

Imaginaí essas minorias ligadas dentro de um país, de um conti nente, do mundo!

Para ajudar a vencer a tentação de pensar que se trata de um miúdo programa revisionista, eis uma síntese dos princípios sugeridos em plano internacional pela Ação Justiça e Paz:

1. Nada de reformismo: é preciso, sem demora, mudanças das estrutu ras sub-humanas.
2. Mudança de estruturas dos países subdesenvolvidos supõe mudança de estruturas dos países desenvolvidos.
3. As ajudas são necessárias para o desenvolvimento; mas elas são ab solutamente insuficientes.



4. Há condições para uma presença válida dos jovens dos países desenvolvidos em países subdesenvolvidos.
5. E' preciso desmoralizar a exploração anti-comunista.
6. E' preciso denunciar as injustiças, presentes por toda parte, como sendo a violência nº 1.
7. E' preciso denunciar o anti-pluralismo e o sectarismo dentro do mundo socialista.
8. E' preciso ter presentes as lições do Vietnam.

Joana, quando te contemplo vestida de armadura, de espada na mão, pergunto a mim mesmo: nós, que nos damos à violência dos pacíficos, estamos em erro ou a razão está conosco e tu estás ultrapassada?

### III. Atualidade Joana D'Arc

A violência dos pacíficos, não é, de modo algum uma luta para fracos, para os sem coragem e os cheios de medo. Não foi por acaso que Gandhi e Martinho Lutero King caíram em combates da não-violência.

A violência dos pacíficos levanta o ódio da extrema direita e da extrema esquerda. Ajuda-nos Joana D'Arc. Sabias combinar, de maneira felicíssima, a força e a doçura, a firmeza e a bondade, aparências de ódio e uma plenitude de amor. Ajuda-nos a conduzir a guerra diferente, a única válida em nossos dias:

(Permiti-me, amigos, recordá-los não a nossa Santa mas a nós mesmos)

- guerra contra a miséria e contra a fome; guerra contra a manutenção dos 80% da população da terra em uma situação subhumana; guerra contra as injustiças que se acham na raiz desse escândalo que só faz crescer.

/ / / / / / / /

## RESPONSABILIDADE DA FRANÇA EM FACE DA REVOLUÇÃO

Conferência proferida, em Paris (França) por + Helder Camara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), no dia 26 de maio de 1970

### I. E' preciso completar a Revolução Francesa

Com a marcha do tempo, a Revolução Francesa se enfraquece e so me, em face de revoluções maiores e mais profundas? Dados os acontecimentos de hoje e os que antevemos para amanhã, merece ainda ela o nome de Revolução? A França, que sacudiu o Mundo, em 1789, tem responsabilidade na linha da Revolução?

Tentemos fazer, juntos, um confronto entre a vossa revolução, - franceses meus amigos e as dos russos e chineses. Tentemos comparar vossa Revolução com a Revolução técnica, já à vista, como sendo a Revolução das Revoluções. Tentemos pô-las diante da verdadeira e única Revolução digna deste nome: Revolução capaz de por termo ao escândalo de 20% dos homens terem nas mãos 80% dos recursos do Mundo; mas de fazer isso sem imposições anti-humanas e respeitando, de fato, a tão decantada e, ao mesmo tempo tão desprezada dignidade da pessoa humana.

Veremos que bastaria completar a Revolução Francesa e levar para a vida real, não somente dos franceses, mas de todos os homens, a igualdade, a liberdade e a fraternidade.

### II. Revolução, como teu nome é grande e profundo!

Estamos falando aqui de Revolução segundo a medida do homem: a paz de ajudar o homem e todos os homens a atingir sua plenitude humana.

Se disserdes que se trata de palavras sonoras e vazias, talvez as ilustrações, apresentadas aqui, cheguem a dar altura, profundidade e largueza às nossas afirmações.

#### 1. Grandeza e fraqueza das Revoluções Socialistas

Quando os Países subdesenvolvidos, esmagados por regimes capitalistas, se sentiram inclinados a olhar com simpatia as Revoluções socialistas como a Russa e a Chinesa, encontram, nestes movimentos, aspectos e condições que os tornam inaceitáveis.

E' verdade que a Revolução Bolchevista arrasou o tzarismo e logrou transformar um País semi-feudal em potência de primeira classe, rival do País mais rico e mais forte do nosso tempo. A Rússia Soviética, em meio século, caminhou séculos. Se ela não chegou primeiro à lua, ninguém tem o direito de duvidar de suas largas possibilidades no domínio espacial. A América do Norte preferiu estabelecer o telefone vermelho entre Washington e Moscou para tentar evitar um confronto no domínio das bombas nucleares. Se ela não é ainda a rainha do mar, a Inglaterra a contempla, já, com um misto de inveja e preocupação.

A China Vermelha marcha com um passo ainda mais acelerado. Parecia impossível que um País, com uma população esmagadora e mergulhado na fome e na miséria, pudesse, depois de 20 anos de sua revolução, inquietar Gigantes como os USA e URSS. A China queima etapas. Os Impérios capitalistas e socialistas temem vê-la na ONU. Ela se ergue, dentro da Humanidade, como a grande interrogação e a grande surpresa.

Mas os Países subdesenvolvidos encontram uma Rússia Soviética incapaz de admitir o pluralismo dentro do Mundo Socialista; resolvida a esma



gar tentativas de divergência como as da Hungria e da Tchecoslováquia; decidida a fazer do materialismo dialético, não um dogma, mas um dado científico, a ser aceito por todos, como a lei da gravidade.

Os discípulos de Mao-Tse-Tung podiam dizer que é diferente com a China Vermelha; que ela não aceita repetir o modelo russo; que ela proclama, entre sua revolução e a russa, uma diferença de importância decisiva para o Terceiro Mundo. Na China, ao contrário da Rússia, a Revolução começou no meio rural e, somente depois logrou vencer nas cidades. Do mesmo modo, a causa da Revolução Mundial, em seu conjunto, será, finalmente, uma consequência dos Povos da Ásia, da África e da América Latina, que são as zonas rurais do Mundo.

Na prática, os Países subdesenvolvidos encontram nos chineses que atuam no meio deles - nos maoístas - um radicalismo, uma estreiteza de visão, uma falta de confiança na inteligência e na liberdade humanas, dignas do comportamento russo.

Como descobrir uma solução, uma saída, apelando para regimes que impõem o materialismo dialético e a obediência cega ao Partido, como exigências sagradas?

Chineses e Russos, maoístas e soviéticos, poderiam dizer que são lições ensinadas pelo cristianismo. Os cristãos não podemos negar a Inquisição, precursora no domínio da imposição de idéias, precursora das torturas. Nem mesmo a autocritica consegue ser original. Mas precisamente no momento em que a Igreja tenta esforços sinceros para respeitar, enfim, a liberdade de consciência e bater-se pelo respeito dos direitos do homem, o marxismo que, em teoria, pretende colocar o homem acima do capital; o marxismo que, em teoria poderia fazer face ao anti-humanismo dos capitalismos; o marxismo, tal como se encarna na Rússia e na China Vermelha, prolonga, atualiza e supera a Inquisição.

## 2. A Revolução técnica será a Revolução das revoluções?

Ouve-se dizer que, se a Revolução Russa e a Revolução Chinesa já reduziram o alcance da Revolução de 1789, as Revoluções até hoje serão todas esquecidas em face da Revolução técnica, que se inicia.

De que se trata afinal? Como defini-la? Será que, de fato, ela oferece condições para ser a Revolução das revoluções?

A Revolução técnica se apresenta como a transformação pela qual a Sociedade coloca a função social de produção sob o controle do espírito experimental, em vista de maximizar a produtividade. É a hora dos projetos, é o regime da planificação a serviço da produtividade, para construir uma sociedade de consumo.

Tudo ficaria em simples frases vazias, se não estivéssemos no tempo da energia nuclear, da eletrônica, dos computadores, da cibernética. Compreende-se hoje a futurologia. Compreende-se a bibliografia, que aumenta sempre mais, buscando descrever o papel dos tecnocratas, do progresso dos Países post-industrializados e o Mundo dos robots...

Tecnocratas! Como aos ouvidos dos tecnólogos certas descrições sobre a tecnocracia devem ressoar como ironias! O tecnólogo possui a ciência, mas não o dinheiro. E as opções, as decisões pertencem ao dinheiro. Os tecnólogos se acham na contingência de por-se a serviço do dinheiro.

Quem poderá financiar a planificação e os projetos? Quem poderá pagar as pesquisas? Quem poderá construir aparelhos, capazes de ser olhados como os milagres modernos?

Quando se fala de maximizar a produtividade, sobre o controle do espírito experimental, deve-se entender que tecnólogos queimarão massa cinzenta, multiplicarão pesquisas, ensaiarão projetos para atingir o máximo de produtividade, exigido pelos homens do capital.

A Revolução técnica não será conduzida a serviço do homem, dos homens, da Humanidade: ela marchará a serviço de alguns grupos, sempre mais restritos. Tendo a possibilidade de planetizar o bem estar, o conforto, a alegria, ela dará, a alguns, riquezas que eles serão incapazes de gastar, mesmo através de incríveis esbanjamentos; e ela fará com que a proletarianização, que já tem dimensões mundiais, quase afogue a Humanidade inteira.

Ela não merece o nome de Revolução: ela terá o triste privilégio e o papel trágico de precipitar o desespero mundial.

## 3. Como iniciar e conduzir a única verdadeira Revolução?

Neste Mundo de ódio e de violência, devemos denunciar como a violência número um, as injustiças que existem por toda parte: nos Países pobres, nos Países ricos, nas relações entre Países ricos e Países pobres.

Devemos exigir a mudança das estruturas dos Países subdesenvolvidos, onde de pequenos grupos de privilegiados mantêm a própria riqueza sobre a miséria de milhões de concidadãos.

Devemos exigir a mudança das estruturas dos Países desenvolvidos, para evitar camadas de miséria dentro de Países ricos e para por termo ao escândalo de Países de abundância manterem seu nível de conforto e de luxo, à custa da miséria que esmaga os 2/3 do Mundo.

Devemos exigir que a Revolução técnica seja feita, não em nome de dezenas ou centenas de privilegiados, mas em nome e a serviço da Humanidade inteira.

Devemos exigir que os Impérios capitalistas e os Impérios socialistas, em sua competição mortal pela dominação do Mundo deixem cair, de uma vez, por todas, suas desculpas ideológicas e tenham a coragem de confessar suas intenções dominadoras; que o bloco capitalista chegue a compreender o ridículo de apresentar-se como o defensor do Mundo livre sem reconhecer que a miséria criada pela ambição do lucro, é uma escravidão e que ela chega a matar como as guerras mais sangrentas; que o bloco socialista saiba que não será solução para o Terceiro Mundo, em quanto insistir em impor o materialismo dialético e a obediência cega ao Partido, enquanto apresentar um exemplo de ditadura interna, criada de suspeitas, delações, autocriticas e depurações.

Mesmo que estas exigências pareçam razoáveis não vão dar a impressão de ridículas, provocando o desprezo dos Gigantes que se entredoveram? Se eles se entredoveram, então, é que há nêles uma semente de fraqueza. Até quando, 80% da população do Mundo aceitarão ser explorados pelos 20% restantes? Os 80% seremos um Gigante de pés de barro? Sim, enquanto pretendermos utilizar as armas dos Impérios capitalistas, que nos esmagam, ou as dos Impérios socialistas, que se apresentam como nossos futuros Senhores. Na corrida armamentista, seremos vencidos de maneira inevitável, sobretudo porque os blocos se compreendem, dialogam, e não hesitarão em entender-se para dividir o Mundo e até todo o Universo entre os todo-poderosos.

Devemos utilizar armas próprias, devemos utilizar a violência dos pacíficos, que parece ridícula, mas que afinal é a única violência que os dois blocos serão incapazes de esmagar. Evidentemente, é fácil fazer e eliminar um Gandhi ou um Martinho Lutero King. Mata-se um líder, não se



matam suas idéias. Mata-se um líder, êle se transforma em mártir, em bandeira.

A violência dos pacíficos tem o grande merecimento de não confundir os Povos com seus regimes políticos, os Povos com trusts internacionais, - que controlam o Mundo a partir de algumas cidades-chave, de alguns polos de dominação.

A violência dos pacíficos sabe que, dentro dos Impérios capitalistas, como dos Impérios socialistas, há aliados naturais. Para começar no meio da juventude. Depois, das Religiões, no plural: se todas elas se preocupam com a paz, cabe-lhes ajudar a justiça. E ainda, para além das línguas, das raças, das religiões, das ideologias, todos os homens de boa vontade, que exigem a justiça como condição de paz, mas não amam a violência armada, porque sabem que por este caminho seríamos facilmente esmagados e ajudaríamos a Humanidade a cair na escalada da violência.

### III. A Marselhesa de sempre, com acento novo

Paris, continuas sempre a Capital intelectual do Mundo. Cabe-te sacudir os franceses de boa vontade - e os homens de boa vontade em geral. E eles existem em todos os paralelos, em todos os Meridianos, dentro de todos os Impérios para além de todas as cortinas. Cabe-te conchamar a única verdadeira revolução capaz de dar realidade à trilogia da Revolução Francesa.

Igualdade, hoje, é sinónimo de vitória contra todos os racismos.

Liberdade é sinónimo de vitória contra a miséria e contra os Imperialismos de hoje e de amanhã, que não são e não serão caminho para um Mundo solidário.

Fraternidade é sinónimo de união em um Movimento que não seja, de nenhum modo, partido político, nem criação de um homem, de um País, de uma língua, de uma religião, mas união na Ação Justiça e Paz, para além das línguas, das raças, das religiões!

"Aux armes, citoyens!" Mas, às únicas armas capazes de vencer a corrida armamentista. As armas da violência pacífica, fácil de fazer calar, e de fazer dispersar e desaparecer, enquanto formos algumas dezenas e ou algumas centenas em dois ou três Países. Quando a violência pacífica for a soma das boas vontades do Mundo inteiro, ela será invencível como o Amor, que é mais forte do que a Morte!

/ / / / / / / / / /

## OBRIGAÇÕES DA SCANDINÁVIA PARA COM O MUNDO

Conferência feita por + Helder Camara  
Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil)  
na Universidade de Upsala (Suécia) em  
maio de 1970.

### I. Que se passa na Scandinávia?

Os Países subdesenvolvidos olham, com o maior interesse, Países que estejam vivendo experiências socialistas, fora da órbita de Moscou e Pequim.

A explicação é simples:

- os Países subdesenvolvidos sentem as consequências terríveis da opressão económica do Mundo Capitalista;

- mas quando, intuitivamente, tenderiam a voltar-se para o Mundo socialista, descobrem em Moscou e em Pequim, dois polos de dominação inaceitáveis, pela estreiteza com que se recusam a admitir pluralismo em suas fronteiras; pelo absurdo de pretenderem impor o materialismo dialéctico e a obediência cega ao Partido; pela falta de inteligência com que pretendem atrair confiança e simpatia apresentando um exemplo interno de dita dura em que reinam as suspeições, as delações, as exigências de auto-crítica, as depurações...

Sentimos, no entanto, que as linhas de esperança, talvez, passem em experiências de socialização, que respeitem, efetivamente, a pessoa humana...

Dai, a simpatia imensa com que olhávamos para a Tchécoslováquia e o desapontamento que sentimos ao vê-la esmagada. Dai, a curiosidade humana com que seguimos a Jugoslávia, sem saber até quando logrará seus filhos levar avante sua experiência de co-gestão. Dai, a atenção que nos merece a Scandinávia...

Permiti-me, no entanto, a confiança de dizer-vos meu pensamento até o fim. Não me sinto jamais estrangeiro em País nenhum do Mundo. Não me sinto um intruso, sem direito de abordar problemas íntimos das várias raças, das várias línguas, das várias culturas... E' que, em toda parte, me sinto um homem no meio dos homens, um irmão, uma consciência humana, uma voz humana...

Permiti-me, pois, que eu indague: a experiência escandinava é de socialismo ou é de um neo-capitalismo? Para que entendais a razão profunda de minha dúvida, de minha interrogação, permita-me que eu vos lembre os pecados do Mundo capitalista para com o Mundo subdesenvolvido... Compreendeis, depois, meu apelo à Scandinávia, através da Suécia e de uma de suas encarnações mais autênticas: a Universidade de Upsala.

### II. O Mundo Capitalista e seus pecados para com o Mundo subdesenvolvido

#### 1. Preconceito a arrancar pela raiz

Os Países de abundância correm o perigo de cair em um equívoco, - perigoso para com a Humanidade. Trata-se do engano e do preconceito de imaginar que são ricos e felizes simplesmente porque o merecem. Tiveram a sorte de ser brancos (e, sem nenhuma intenção de racismo, perguntam, silenciosamente, em seu íntimo, como desconhecer a superioridade dos brancos?...). Mas, se partiram com este ponto de vantagem, usaram a cabeça, trabalharam com decisão e honestidade. O resultado aí está.

Fica parecendo, então, que os Países subdesenvolvidos mergulham,



sempre mais, na miséria, porque são entregues a sub-raças, pouco amantes do trabalho e muito inclinadas à desonestidade.

Se os Povos de abundância tiverem a coragem de enfrentar verdade des difíceis, destas que repercutem, profundamente, na própria vida, exigindo mudanças de estruturas, e novos padrões de vida, e novos valores, terão meios de verificar que, em última análise, os Países ricos baseiam a própria riqueza em injustiças que mantêm na miséria mais de 2/3 da Humanidade.

Como funciona o mecanismo do comércio internacional? Quem controla a compra das matérias primas dos Países subdesenvolvidos, atribuindo-lhes preços sempre mais vís e quem controla a venda das matérias industrializadas dos Países desenvolvidos, atribuindo-lhes preços sempre mais altos? Qual é, nesse mecanismo, o papel dos trusts internacionais? Em que medida, abolido o nome oficial de Colonialismo, continua a vigorar, na prática, uma situação terrível de neo-colonialismo?

Grave é que os Países de abundância deixam entrever que, se comerciam com os Países subdesenvolvidos, o fazem por generosidade, com prejuízo, pelo desejo de ajudar, pois, de um lado, dentro das próprias fronteiras ou no inter-relacionamento dos Países ricos, dispõem - pensam eles - de mercados internos mais que suficientes para viver autônomos, prósperos e felizes; de outro lado, - segundo alardeiam - os sucedâneos, permitem, sempre mais, prescindir das matérias primas dos Países pobres.

E' psicologicamente difícil a um País desenvolvido aceitar que a riqueza de seu Povo importa, em última análise, na injustiça de manter na miséria milhões de criaturas humanas, que vegetam em nível sub-humano. O acordo seria relativamente fácil se o problema fosse posto em termos de generosidade, de colaboração, de ajuda técnica ou mesmo financeira.

E é curioso como os Países de abundância exultam quando encontram um argumento, que lhes parece válido e capaz de tranquilizar-lhes a consciência. Está na moda falar oportuna e inoportunamente em explosão demográfica. Economistas, inclusive de Países subdesenvolvidos, prestam-se a fornecer dados que parecem irrefutáveis: como pensar em desenvolvimento se a taxa de crescimento demográfico devora, gulosamente, qualquer taxa de crescimento do produto bruto nacional?

Não é fácil entender que os Países subdesenvolvidos se recusam a aceitar políticas de planificação familiar maciças e teleguiadas; que os Países subdesenvolvidos preferem desenvolver, internamente, o sentido de paternidade responsável. Sobretudo, não é fácil levar os Países ricos a entender que, enquanto se fala na impossibilidade de alimentar a População do Mundo no ano 2000 - a menos que se adotem medidas drásticas de limitação de natalidade - há e haverá, sempre mais, o problema da chamada super-população. Super-produção dentro do regime de lucro como critério último dos sistemas econômicos. Super-produção para nós é como sinônimo de super-egoísmo, de super-ganância e, raciocinando a prazo longo, como sinônimo de falta de inteligência e de suicídio. Curiosa super-produção que coexiste com um tremendo e brutal sub-consumo!...

## 2. Que é Mundo Livre?

Claro que eu tenho consciência de estar levantando problemas, avançando afirmações, sem o ônus da documentação e das provas.

Quando se está em Upsala e na sua Universidade, qualquer afirmação pode, com facilidade, ser controlada.

E' exato que há verdades que as maiores bibliotecas do Mundo e o melhor serviço de referências não conseguem fazer aprofundar, e entender, e aceitar. Há verdades que só pela experiência e, sobretudo, pelo sofrimento se abrem para nós.

Por bondade, retirai de minhas colocações qualquer tom de aspreza, ou de ironia, ou de travo. Se eu tivesse nascido e crescido em País desenvolvido, teria, certamente, a mentalidade que, em geral, predomina nos Países de abundância. E' surpresa agradável, é prodígio e alegria encontrar compreensão sempre maior no Mundo desenvolvido, especialmente quando se lida com a juventude.

Com o desejo exclusivo de trazer-vos uma colaboração fraterna, permiti que vos ajude a localizar e superar outros preconceitos para com os Países desenvolvidos.

Sois Países tradicionalmente neutros. Mas claro que acompanhais a marcha do Mundo e a evolução dos Pactos. Conheceis a alegação do Bloco capitalista quanto à necessidade, se preciso chegando à guerra, de defender o Mundo livre. No caso, a liberdade estaria comprometida pela ameaça do Comunismo.

Se tentarmos ver claro e falar em consciência, teremos que dizer:

- é verdade que, até hoje, os Impérios Socialistas, liderados por Moscou e Pequim, cobram caro qualquer ajuda ao desenvolvimento, porque, como já lembramos, obrigam a entrar na fôrma, impõem ateísmo, instauram regimes de força, desconfiança, delações e depurações, dignos de regimes fascistas;

- mas é verdade, também, que 2/3 da humanidade mergulham na miséria que é escravidão e ficarão amarrados às estruturas desumanas que a subjagam e subjugarão enquanto persistirem as estruturas injustas do Poderio econômico que controla a política internacional do comércio.

Precisamos acabar com a farsa de alegar defesa do Mundo livre, como pretexto para opor-se à expansão dos Impérios Socialistas. Há pelo menos três equívocos envolvidos nesta afirmação:

- o Mundo Capitalista, quando abre ou perpetua guerras para defesa do Mundo livre está defendendo o próprio prestígio e o próprio império econômico;

- o Mundo Socialista, liderado por Moscou e Pequim, quando alimenta Frentes Nacionais de Libertação, está defendendo, a longo prazo, interesses próprios, políticos e econômicos.

- os Países pobres, que se tornam campo de luta, não pertenciam ao Mundo livre, mas ao Mundo escravizado pela miséria. E se escaparem da opressão econômica do Mundo Capitalista, apenas mudarão de órbita, mas continuarão girando em torno de Impérios, com a agravante das imposições ideológicas que virão a seu tempo.

O quadro apresentado estará de cores excessivamente carregadas? Não, meus Amigos. O Mundo subdesenvolvido está sendo arrastado ao desespero. Agrava-se, quantitativa e qualitativamente, a proletarização do Mundo. Não é demais dizer, proclamar, gritar que a injustiça - que sobra nos Países subdesenvolvidos, mas também existe nos Países desenvolvidos - é o ponto de partida da violência a que está sendo arrastada a humanidade.

Violência gera violência. Onde os oprimidos podem, reagem. Onde não podem, reage por eles a juventude.

Quando a violência chega à rua, quando passa a vingar as injustiças, os Governos se sentem na obrigação de também agir violentamente.

Que dirão os pósteros, aqueles que viverem daqui a alguns milênios? Que pensarão de nós, que estamos usando a inteligência para chegar



a descobertas sempre mais estonteantes e continuamos tão primários, tão limitados, tão egoístas!

### 3. Solidários com a mentalidade e a atitude capitalistas?

Os Scandinavos devem ter tido ecos das tentativas do Terceiro Mundo de dialogar com os Países desenvolvidos na esperança de provar-lhes que as relações entre o Mundo desenvolvido e o Subdesenvolvido estarão mal colocadas, enquanto o ângulo adotado fôr de ajudas para o desenvolvimento. Os Scandinavos devem ter tido ecos da seriedade com que a América Latina, a África e a Ásia se prepararam para os encontros em Genebra e em Nova Delhi, e ecos do desencanto com que voltaram em face da atitude egoísta tanto da parte dos USA como da URSS.

Estarei iludido ao guardar a impressão de que a Escandinávia, de modo geral, ainda participa da mentalidade e da atitude capitalistas diante do Mundo subdesenvolvido? Lembra-te, Escandinávia, de teu comportamento conjunto no Kennedy Round?

Não basta que, dentro de tuas fronteiras, tentes o máximo para dar a todos uma condição humana. As fronteiras de quem é humano atingem o Mundo todo e até o Universo inteiro. Ninguém tem direito de declarar que nada tem a ver com o que se passa longe de sua pátria, de sua raça, de sua gente. Quem sabe que os Países ricos devem muito da própria riqueza aos Países pobres, quem sabe que há injustiças flagrantes no comércio entre Países de abundância e Países de miséria, não tem direito de perguntar, como Caim, que tem a ver com o sangue do seu irmão.

Não basta, Escandinávia, que te esforces, dentro do Mundo desenvolvido, para que haja generosidade na ajuda aos Países subdesenvolvidos. O problema não é de generosidade, mas de justiça.

### III. Upsala, teu papel pode ser decisivo!

Upsala, teu papel pode ser decisivo nesta encruzilhada em que se acha o homem.

Lidera a Ação Justiça e Paz dentro da Escandinávia! Não se trata de partido político, nem de Movimento preso a um homem, a um país, a uma língua, a uma religião. Trata-se da união dos homens de boa vontade para além de todas as barreiras de religiões, de línguas, de raças, de partidos políticos e de ideologias.

Utopia? Ingenuidade? Procura ver quantos escandinavos estão dispostos a sacrifícios para tentar salvar o Mundo da espiral da violência - a partir do início das violências, as injustiças espalhadas pelo Mundo inteiro.

Se a Escandinávia se unir em torno a ti, asseguro-te que terás a surpresa de ver que, em todas as Regiões do Mundo - em todos os meridianos e em todos os paralelos - são muito mais numerosos do que se pode imaginar os que estão ansiando por um Mundo mais justo, mais humano, mais solidário.

Por mais atrativos que tua natureza e teu folclore guardem para quem vem de tão longe, de terra tão distante e tão diversa, vim, atrás de riqueza ainda maior: vim, como peregrino da paz, em busca de aliados, de irmãos e o coração me assegura que Upsala tem tudo para assumir lugar de destaque na luta pela justiça e pelo amor como condições de paz.

/ / / / / / / / /

### OS HOMENS MORREM, NÃO AS IDEIAS

Conferência proferida no Palácio dos Esportes em Paris (França), por + Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), em 26 de maio de 1970.

### COMENTÁRIOS DO PRÓPRIO DOM HELDER À SUA PALESTRA DE PARIS

Três das principais estranhezas, três das principais fontes de ataques na palestra de Paris foram:

- quem fala assim contra o seu País, não lhe tem amor. Merece, então, ouvir: ame-o ou deixe-o!
- quem fala assim sobre violência armada, só a condena por motivos táticos, por sua ineficácia no momento;
- quem fala assim sobre guerrilheiros e sequestradores revela conivência com eles.

A 1ª dúvida, respondo que foi o amor a meu País e a meu Povo, que me obrigou a falar. Poder-se-á retrucar: "mas em que fica sua interpelação a Carlos de Lacerda, a quem você pediu que imitasse a discreção perfeita de Washington Luís, durante o exílio que o manteve longe do Brasil"?

Quando escrevi ao Carlos, havia liberdade de imprensa e de palavra entre nós. E daí para cá, os acontecimentos - têm, cada vez mais, dimensões mundiais. Impossível obter mudanças de estruturas nos Países subdesenvolvidos, sem mudanças de estruturas nos Países desenvolvidos. Vivo dizendo verdades nos USA, no Canadá, nos Países europeus. Não digo em Moscou e em Pequim, porque, nos Impérios socialistas, ainda há o agravante de não se poder falar. Permitam que eu lembre de novo: como guardaria liberdade de denunciar erros dos demais Países, se me faltasse a coragem de revelar erros de meu próprio País. Quantas vezes, para salvar o doente é preciso usar o bisturi!

A 2ª dúvida, respondo que tenho posição firmada em palestras numerosas, em livros e na minha própria vida contra a violência armada e isto em consequência de convicções profundas e de motivos religiosos. Mas, falando a um auditório onde não eram poucos os adeptos da violência, dos quais vários sem crença religiosa nenhuma, tinha de usar argumentos que eles entendessem e respeitassem. Tinha de levá-los para o exame da eficácia da violência armada. Eles dizem que a violência dos pacíficos é utópica. Tentei provar que a violência armada parece realista e prática, mas é romântica, utópica e contraproducente.

A 3ª dúvida, respondo que, justamente por discordar dos que se entregam à violência armada, justamente por condenar seus métodos, sinto-me à vontade para lembrar que eles me parecem sinceros, movidos não pelo ódio, mas pelo amor de seu Povo. De qualquer maneira, são criaturas humanas. Nego o direito de tortura, mesmo que se tenha em mãos quem tenha adotado métodos desumanos.

Outro ponto da palestra de Paris que levantou muita celeuma foi o relativo ao número de prisioneiros políticos, indicados por mim e à extensão das torturas entre nós.

Tudo o que afirmei sobre o assunto, se baseia no Relatório



rio impresso, resultante da "Mission d'Enquete au Brésil, sur la situation des prisonniers politiques et sur les récentes lois d'exception". Trata-se de u'a Missão efetuada de 25 de fevereiro a 4 de março de 1970, pelo Dr. Louis E. Petiti, advogado na Corte de Apelação de Paris, representante do Secretariado Internacional dos Juristas Católicos e da Amnesty International, e pelo Dr. Jean Louis Weil também advogado na Corte de Apelação em Paris e representante da Associação Internacional dos Juristas Democratas e da Federação Internacional dos Direitos do Homem.

Há brasileiros que não entenderam ainda que existe, hoje, uma consciência jurídica internacional, que não pode ser esquecida e à qual não se pode mentir. E, afinal, quem está convicto de que não há prisioneiros políticos, nem torturas no Brasil, deveria exultar com a sugestão de vinda de u'a Missão da Cruz Vermelha Internacional. Temê-la, impedir-lhe a vinda é mau sinal.

#### DOM HELDER CÂMARA INTERPELA O OCIDENTE

Texto da apresentação da revista Informations Catholiques Internationales - nº 362 - 15.6.70, às notas tomadas durante a Conferência proferida por D. Helder Câmara, no Palácio dos Esportes, Paris, no dia 26.5.1970.

No dia 27 de maio, em uma madrugada radiosa de Orly, D. Helder Câmara deixava Paris para Stockolmo, sua boina de couro na mão, sua "écharpe" negra em volta do pescoço.

Na véspera, à noite, em um Palácio dos Esportes, muito pequeno para acolher a multidão que veio para ouvi-lo, ele falava "franca e abertamente" da situação do Brasil e muito especialmente da tortura que aí faz devastações como um câncer. Nós publicamos aqui o essencial do discurso, a partir de uma gravação feita no local (D. Helder não tinha escrito o texto).

E' como pastor e em nome do seu povo que Dom Helder tinha decidido falar assim, "quaisquer que sejam as conseqüências".

Estas conseqüências, ele as havia longamente medido nos dias precedentes e as havia aceito de ante-mão...

Mas não foi por si mesmo, por seus projetos nem por sua missão que Dom Helder resou durante as longas vigílias que precederam sua conferência, em Paris. Durante três dias, aqueles a quem ele teve a confiança de se abrir, viveram e compreenderam o drama do pastor responsável que sabe que a denúncia é necessária, mas que sabe também que ela pode, por reação, provocar males piores que aqueles que ela condena.

Homem de Igreja, idealizador da Conferência dos Bispos Brasileiros, Dom Helder tinha um cuidado particular: não ia ele falar contra certos irmãos no episcopado - e não dos menores, - que tinham, por suas declarações, acreditado nas teses do governo sobre a "campanha de difamação internacional"? O arcebispo não gosta de parecer um franco-atirador. O testemunho da Igreja tem um sentido para ele, não o testemunho de Dom Helder.

Neste mesmo 27 de maio em que Dom Helder deixava Paris, a muitos milhares de quilômetros, o episcopado brasileiro adotava por esmagadora maioria 159 vezes contra 21, 2 abstenções e 1 voto em branco, um "Documento pastoral" denunciando da mesma maneira a arbitrariedade e a tortura. E' fácil imaginar a ação de graças de Dom Helder, tomando conhecimento desta declaração, em alguma parte entre Stockolmo e Upsala. A história dirá se havia combinação. Esperando isto, a pequena história leva, antes, a pensar o contrário. Nesta hipótese, é mais do que as coincidências que seria preciso falar: de comunhão.

Antes de falar em Paris, Dom Helder Câmara tinha pronunciado conferências em Salzburgo (Austria), em Louvain e em Bruxelas, em Orleans e em Lyon. Em seguida ele devia ainda ir à Suécia, aos Países Baixos e a Berlim.

Por toda parte onde passou, ele encontrou o mesmo público, jovem e numeroso. Por toda parte, ele levou a mesma interpelação contra as injustiças e belecidas, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos, e nas relações entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. Por toda parte, ele falou de sua convicção de que entre a revolta e o desespero "há lugar para uma "violência dos pacíficos" radical e eficaz." Entretanto, como se podia pensar, ele não lançou - rigorosamente falando - as bases de um movimento internacional em continuidade de sua "Ação Justiça e Paz" e na lógica ao apelo que ele assinou a 21 de março último no Recife, com o pastor Ralph Abernathy.

Conhecemos Dom Helder profeta da paz, da justiça, da "violência dos pacíficos" (fórmula que ele prefere à "não-violência"). Conhecemos menos seu pensamento sobre a Igreja e os movimentos que a trabalham atualmente, sobretudo na Europa e na América do Norte. Foi este, entretanto o tema dominante da Conferência que ele pronunciou no dia 21 de maio na Universidade Católica de Louvain, onde recebeu o grau de doutor "honoris causa" em teologia.

Este pensamento é, sem dúvida, o de uma grande fração das Igrejas do terceiro mundo. Por isso nós damos também aqui o essencial.

J.D.B.

Se eu não tivesse a coragem, esta noite, de falar franca e abertamente sobre o que se passa no Brasil, tenho a profunda impressão de que perderia toda a audiência em Paris; como ter, com efeito, a força moral de dizer a verdade sobre os outros países, se tenho medo de dizer a verdade sobre meu próprio país? E como esperar o desenvolvimento em escala mundial de um "Movimento da violência dos pacíficos" se por meu silêncio desse a demonstração evidente da ineficácia da não-violência? Então, falarei! Evidentemente tentarei falar - como tento sempre fazê-lo - enquanto pastor de meu povo. Isto não me impedirá de dizer com força e gravidade, toda a verdade. Mas vós sentireis que não há ódio em meu coração e que não existe nenhuma intenção político-partidária em minha tomada de posição.

#### As torturas existem: eis aqui dois exemplos

Começarei por dar todo meu pensamento sobre o que se passa hoje no Brasil. As torturas existem? Responderei com dois exemplos. Eis o primeiro:

Um dia, em minha diocese de Recife, chegaram dois estudantes do sul do país: eles queriam se fazer passar por trabalhadores rurais do Nordeste a fim de preparar a guerrilha rural. Eles foram detidos e jogados na prisão.

Eu soube logo que eles tinham sido torturados. Mas se tratava somente de rumores difíceis de controlar. Um dia, entretanto, li nos jornais da cidade que um destes estudantes tinha se jogado pela janela do prédio da polícia. Imediatamente fui ao hospital, com meu bispo auxiliar. E então todos dois, com o médico, com a polícia que estava lá, nós vimos o ferido, os membros quebrados. Eu lhe perguntei: Que aconteceu? Então, Luis Medeiros me respondeu: "Ah! Dom Helder! Eu tinha sofrido torturas tão horroresas que, quando descobri que elas iam recomeçar, preferi jogar-me pela janela". Eu estava suficientemente informado: o rapaz estava absolutamente lúcido.

Quando saí, um médico - atenção para esses detalhes - me disse: "Dom Helder, o Sr. me conhece, o Sr. conhece minha mulher e meus filhos, infelizmente o Sr. não poderá usar meu nome, porque tenho necessidade deste trabalho. Mas tenho uma sugestão: vá procurar o Governador. O Governador é também médico, faça o possível de trazê-lo aqui. Para o Governador, as portas do hospital se abrirão. Como o



Governador é médico, lhe será fácil examinar o doente". E meu interlocutor me aconselhou para chamar a atenção do médico governador sobre dois pontos: "Diga-lhe que examine se o doente tem ainda todas as unhas, e se seus testículos não foram esmagados".

Evidentemente parto para o palácio do Governador, e lhe entreguei um relatório do que tinha visto, assinado por mim e por meu bispo auxiliar. Nossa diligência foi vã. Então, nós tentamos enviar a informação a todas as nossas paróquias, e mesmo a todas as dioceses do país. Infelizmente não podíamos utilizar nem a imprensa, nem o rádio, nem a televisão. Nós enviamos um relato mimeografado. E' o meu primeiro exemplo! representativo de muitos outros. Eis o segundo:

Trata-se de um jovem padre dominicano de 24 anos, de São Paulo, Tito de A. Tinha sido preso e a polícia queria lhe fazer denunciar nomes. Como ele não podia ou não queria, começou-se a torturá-lo. Um pouco mais tarde, seu provincial me trouxe uma carta que ele havia escrito e na qual descrevia algumas das torturas que tinha sofrido. Por exemplo, o "pau de arara". Eis o que ele disse em sua carta que tenho: "Pendurado nu, as mãos e os pés atados, recebi choques elétricos provenientes de pilhas secas, sobre a planta dos pés e sobre a cabeça". Mais adiante; ele descreve uma outra tortura: a "cadeira do dragão". E' uma cadeira com fios e placas metálicas. "Suspenso sobre uma corrente elétrica, estes fios e estas placas elétricas me davam choques nas mãos, nos pés, nas orelhas e na cabeça". Ele fala ainda de uma tortura que eu não direi habitual, porém não rara: ele era convidado a abrir a boca: "para receber a santa hóstia". Punham-lhe então na boca um fio elétrico. Ele descreveu também o "corredor polonês". Filas de policiais que lhe batem uns após outros! Finalmente, totalmente deprimido, este jovem dominicano tentou suicidar-se. E é depois de recuperado que ele escreve sua carta (Esta carta foi lida durante a Assembléia Geral da CNBB, em plenário).

#### A violência dos opressores

Mas é preciso aprofundar o assunto: por que a violência explode entre nós e, um pouco, em toda parte? Meus amigos, trata-se da violência dos oprimidos ou da violência da juventude que se esforça por traduzir a revolta dos oprimidos. Os governantes devem ter a coragem de reconhecer que o começo de todas as violências, a violência nº 1, a violência mãe de todas as violências, são as injustiças existentes em toda parte, nos países subdesenvolvidos, também nos países desenvolvidos e ainda nas relações entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido. Tenhamos sempre o cuidado de nos perguntar se alguém nos fala da violência: de que violência se trata? Da violência dos oprimidos ou da violência dos opressores? E' certo que a violência dos opressores é menos espetacular que a dos oprimidos. Entre tanto, na medida em que ela cria ou mantém uma situação sub-humana, uma situação de miséria, ela chega a matar como as guerras mais sangrentas. Ela chega a criar distorções físicas, psicológicas e morais.

Então se conclui que em uma situação difícil como a de nosso país, não há outra solução que a revolução armada? Não, meus amigos! Eu respeito aqueles que, por razões maduras e adultas fazem a escolha da violência armada; não aqueles que são apenas guerrilheiros de salão, mas aqueles que, verdadeiramente, arriscam sua vida. Mas eu os convido a examinar o resultado de suas ações.

Que se passa entre nós? Jovens de 18-20 anos arriscam sua vida para assaltar bancos, na esperança de ter bastante dinheiro para comprar armas com as quais farão a revolução armada. Se eles estão convencidos de que esta é a única maneira de salvar seu povo, é muito comovente. Suas ações me tocam profundamente e eu os respeito. Mas como poderão eles, com os 20, 40 ou 60.000 cruzeiros novos que eles buscam assim, comprar armas suficientes para fazer face a verdadeiros exércitos - que não têm possibilidades para fazer uma guerra ao estrangeiro, mas que têm de mais para esmagar aqueles que apelam para a violência armada? E o que vejo também - eu vos devo a verdade - é que depois de tal ação bem sucedida e válida tecnicamente, por exemplo o sequestro do embaixador norte-americano, o sequestro do consul japonês, depois destas ações que têm verdadeiramente sacudido o país, e de uma certa maneira o mundo, logo depois alguns presos, torturados, e finalmente, esmagados por torturas, chegam a dar o nome de seus camaradas.

Meus amigos, eu não estou aqui para desencorajar ninguém, eu não estou aqui para desarmar ninguém, mas eu vos digo: se se deve examinar as coisas num terreno concreto e realista, eis aí o que eu descubro como resultado prático em todo este esforço enorme de todos estes sacrifícios imensos para salvar nosso país.

#### A força da violência dos pacíficos

Eu sei bem que se vai me perguntar a que leva a violência dos pacíficos... Responderei que os que hoje dizem que têm a solução são ridículos. Nós todos estamos na sombra, nós todos procuramos soluções.

Somente eu vos digo que a França mostrou o que era a força da violência dos pacíficos. Aqui, com efeito, vós começastes a agitar a opinião pública, a propósito do Brasil, vós conseguistes interessar a imprensa internacional e depois que a imprensa internacional foi atingida, os organismos internacionais começaram a trabalhar. Eu tenho aqui o relatório da Associação Internacional dos Juristas Mundiais. Não se trata de um trabalho feito por inimigos de Brasil, não há nenhum rancor, nem paixão política. Não vou vos ler este relatório. Mas vos direi que ele se refere ao número de prisioneiros políticos no Brasil e descreve nove gêneros de torturas diferentes.

Eu estou convencido de que se o movimento de opinião pública continua, o governo brasileiro acabará por compreender que ele não é dirigido contra o Brasil. Eu vos asseguro que, a propósito dos massacres de índios, houve exageros enormes, (na imprensa fora do Brasil), mas se tratando das torturas de presos políticos, vistos os resultados da missão de inquérito dos juristas, eu creio que o governo brasileiro acabará por pedir, ele também, o envio de uma missão da Cruz Vermelha Internacional. O governo grego já aceitou o envio de uma missão deste gênero, ele não considerou uma vergonha para a Grécia. Aliás, se o governo brasileiro está seguro da não-existência dos presos políticos e das torturas, não há nenhuma vergonha em abrir as prisões brasileiras à visita da Cruz Vermelha Internacional.

As torturas são uma calamidade. Elas devem cessar. Mas este primeiro resultado não pode nos bastar. O que nós queremos todos e não simplesmente para o Brasil, ou para a América Latina, mas para todos os países subdesenvolvidos do mundo, é que eles cheguem a se arrancar do subdesenvolvimento e da miséria. Ora se nós desejamos aprofundar nosso raciocínio, nós devemos nos perguntar: será que, realmente, a violência dos pacíficos chegará a obter mudanças como aquelas? Será que, para um trabalho de tal modo profundo, nós não teremos necessidade de apelar para a violência armada? Antes de responder a uma questão tão grave, é preciso, eu creio, tomar bem consciência que uma tal revolução supõe um trabalho paciente. Eu sei que a juventude não gosta da palavra paciência. Sei que a juventude que tem consciência como nós que estamos já com 1 século de atraso, perde a paciência. Mas senão não chegarmos a obter a participação dos próprios oprimidos nessas mudanças estruturais, tudo permanecerá no mesmo estado. Ah! meus amigos! quando estou em minha diocese e vejo milhões de seres humanos como nós, que estão em uma situação sub-humana, fico desolado. Tirá-los desta situação sub-humana, eis o que é verdadeiramente digno de encher nessa vida: a promoção humana destes milhões de filhos de Deus. Seguramente, esta tarefa entra em choque com um certo fatalismo. Ela leva ao desencorajamento. Ela pede muita coragem. E' preciso muitas vezes enfrentar a cólera dos poderosos e a incompreensão dos governantes... Mas mesmo se somos combatidos, devemos continuar, aprofundar a luta começada, descobrir os métodos na linha de Martinho Lutero King.

#### O que podeis fazer

Muito frequentemente vêm me dizer: temos boa vontade, desejamos fazer qualquer coisa, somos jovens, somos estudantes, somos trabalhadores, somos professores. Que é que se pode pedir às religiões e de uma maneira especial aos cristãos? Então, permiti-me de vos apresentar três exemplos precisos, concretos de ação possível.

#### Desenhai o mapa vivo da França

Há injustiças em toda parte. As que reinam nos países subdesenvolvidos



são de nossa responsabilidade. Tentaremos enfrentá-las, afrontá-las, sofrer e, necessário, morrer para mudar nossas estruturas. De uma maneira pacífica, por uma via concreta. Há também injustiças nos Estados Unidos: o presidente Lyndon Johnson declarou um dia que, nos Estados Unidos, havia trinta milhões de negros americanos que viviam em uma situação indigna da condição humana. Então, se mesmo no primeiro mundo, há trinta milhões de pessoas que vivem em uma situação sub-humana, não é uma afronta lembrar-vos que há também pobres e sub-proletários em nosso país. Ora, meus amigos, não basta conhecer as estatísticas, as estatísticas frias. Uni-vos para levantar o mapa vivo da França. O que chamo fazer o mapa vivo da França, é descobrir em cada cidade onde estão os pobres, os sub-proletários, conhecer-nos pessoalmente, ao redor de nossas casas, de nossas escolas, de nossos sindicatos, de nossas universidades, de nossas igrejas. Mas, evidentemente, não basta ficar aí. O importante é o trabalho a partir deste mapa vivo da França. Eu quero dizer a vocês que vos diz esta noite: Francêses, como tendes uma enorme responsabilidade, dai o exemplo aos países desenvolvidos. A partir do encontro com vossos pobres, vossos sub-proletários, esforçai-vos por descobrir os caminhos da justiça para os pobres e os sub-proletários do mundo inteiro, porque sem a justiça não chegaremos nunca à paz.

Informai-vos sôbre a política internacional do comércio

E eis um segundo exemplo de ação concreta: vós sabeis que, já por duas vezes, os países sub-desenvolvidos tentaram um diálogo com os países desenvolvidos. Duas vezes a África, a Ásia, a América Latina se prepararam para ir a Genebra, para ir a Nova Delhi tentar um diálogo sobre o comércio e o desenvolvimento, com países desenvolvidos. E os sub-desenvolvidos voltaram para seus países decepcionados. Permiti que eu levante a questão: qual foi a posição da França na primeira na segunda assembleia das Nações Unidas, sobre o comércio e o desenvolvimento? se trata de um problema de pessoas. Muitas vezes, os delegados de um país são homens válidos, honestos, conscientes, mas desculpai-me - eu vos repito que não são um estrangeiro - muitas vezes os delegados sofrem a influência dos grupos de pressão. Ora, estes grupos de pressão trabalham por seus interesses.

Não penseis que este problema seja reservado aos especialistas! Não! Os estudantes de colégios e de universidades, vós os jornalistas, vós os professores, vós os técnicos, vós de grupos de Igrejas, esforçai-vos para vos informar sobre as injustiças da política internacional do comércio. E imaginai o que se passará se, no começo da terceira conferência das Nações Unidas sobre o comércio e desenvolvimento, os delegados franceses, embora continuando a sofrer a pressão dos grupos de pressão, se sentirem sustentados pela pressão moral libertadora do povo francês. Crêde, se a França em lugar de sustentar a posição muito estreita dos Estados Unidos e da Rússia, soviética, chegasse, naquele momento, a dar um exemplo de abertura humana, de libertação do egoísmo nacional, isto teria peso no mundo desenvolvido.

Trabalhar para uma conversa entre irmãos

Penso agora na comunidade européia. Ela conta seis países, diz-se que não ela reagrupará uma dezena. Ela já está em entendimento com 16 países africanos. Ela tem um certo desejo de abertura para a América Latina.

E' preciso que esta comunidade se realize de uma maneira efetiva e justa que não seja uma ilusão a mais. Atualmente as relações da comunidade européia com os 16 países africanos associados são sempre marcadas por um espírito neo-paternalista. Será que não há uma posição nova a descobrir?

Diz-se que, amanhã, haverá uma abertura da comunidade européia para a América Latina. A comunidade européia deseja se instalar em uma situação de paternalismo ou de novo colonialismo, ou quer um diálogo entre irmãos? Se não fizerdes esforço para vos interessar por estes problemas, se escutardes o que eu digo hoje, e amanhã cada um de vós for para seu trabalho sem pensar mais em nada, se convertermos nossos corações, como nos diz o Evangelho, então nada se fará.

/ : / : / : / : / : / : / : / : / : / : / :

"EU TIVE UM SONHO"

Conferência realizada, em Atlanta - (USA), a 12 de agosto de 1970, por + Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), ao lher a tribuído o Prêmio Martinho Lutero King, recém-criado pela Southern Christian Leadership Conference.

**I** - Como estarmos à altura de King?

Seria fácil e agradável agradecer-vos o Prêmio Martinho Lutero King comentando convosco as mais belas passagens da vida do vosso grande líder e os feitos mais emocionantes da luta pacífica que vivestes com ele. Mas, para estarmos à altura de King, para honrarmos devidamente a sua memória, aproveitemos nosso encontro para recordar os principais obstáculos que se levantam no caminho da não-violência, decididos a superá-los, à custa de quaisquer sacrifícios.

Começaremos por constatar um fato: em menos de 3 anos - de 4 de a  
bril de 1969 para cá - a violência dá a impressão de incendiar, sempre  
mais, o Mundo inteiro.

"Averá meios de identificar os fomentadores da violência e de desco-  
brir maneiras válidas de tentar desarmá-los?

Depois, buscaremos medir os efeitos, causados, em nós, pela prática da violência, exercida a nosso lado, não raro por companheiros nossos, que desesperam da não-violência; ou por pessoas que nos são caras; e, quase sempre, partindo de criaturas que, através de métodos diferentes, também que rem justiça. Isto nos abala ou, ao contrário, nos firma em nossa posição de não-violência? Indo mais longe ainda, procuraremos descobrir, no mais íntimo de nós, raízes de violência, que devemos arrancar, para que se torne pura e invencível a violência dos pacíficos pela qual optamos e à qual estamos decididos a dedicar a vida.

## II - Obstáculos a superar

1. Alerta aos fomentadores da violência

Quem está acendendo a violência no Mundo? Quem está impelindo para a radicalização e a violência criaturas sinceras, que parecem cheias de ódio, mas, no fundo, se movem pelo amor dos oprimidos, dos injustiçados, dos sem-vez e sem voz?

Os acendedores de violência no Mundo são, antes de tudo, os Privilegiados que não têm coragem de abrir mão dos privilégios injustos, criadores de injustiças e escravidões.

Que fazer para despertá-los? Aqui é que descobrimos a responsabilidade séria das grandes Religiões do Mundo. Os filhos dos Privilegiados, tantas e tantas vezes, estiveram em Colégios religiosos. Os próprios Privilegiados, não raro, participaram e participam de cerimônias religiosas, pois muitos se dizem e se sentem homens de fé. Por que mistério as Religiões - e penso, sobretudo, em nossa Religião Cristã - não encontraram, nos textos sagrados, a Mensagem, a um tempo, suave e forte, capaz de abrir os olhos e tocar as consciências dos ricos, mencionados com tanta insistência no Evangelho? ...

Chegou, talvez, a hora em que a Mensagem religiosa lhes falará pouco ou quase-nada. Acostumaram-se talvez a dominar pelo dinheiro e sabem que há obras religiosas presas aos seus donativos. Quem sabe, têm, também, a impressão de que as Religiões em alguns de seus órgãos centrais, se vêm forçadas a cair na engrenagem de lucros maiores, mais seguros e mais rápidos, como condição humana de recursos para a própria expansão religiosa?



Chegou, talvez, a hora em que a mensagem aos privilegiados, tenha de traduzir-se na linguagem objetiva e fria de seus próprios interesses.

Habilitemo-nos a provar aos privilegiados que, a partir de certos meios, a criatura nem é capaz de aproveitar-se da própria riqueza. Habilitemo-nos a provar-lhes que é negócio trocar o Mundo inhumano e hostil que eles estão criando - Mundo com grupos sempre mais restritos de privilegiados e com massas sempre maiores de oprimidos; Mundo em que os oprimidos já não são apenas indivíduos, e grupos, e raças, mas Países e Continentes inteiros - por um Mundo diferente em que a promoção humana dos filhos de Deus acabe com a sobrecarga de ajudas a miseráveis e crie pessoas válidas, com poder aquisitivo, alegria de viver e imaginação criadora.

Os maiores inimigos dos ricos, depois deles mesmos - pois eles mesmos, salvo exceções honrosas, se tornam cegos, surdos, insensíveis e frios - os maiores inimigos dos ricos são os que dão cobertura à sua ambição desmedida, criadora de misérias.

Permiti dois comentários rápidos: um, quanto aos ricos dos Países-pobres e outro, quanto aos ricos dos Países ricos.

Nos Países pobres, os ricos encontram ou encontravam, muitas vezes, cobertura na Igreja e nos Militares. Igreja e Militares, tradicionalmente preocupados com a ordem social, com a segurança nacional e continental, com facilidade se impressionavam - e, ainda hoje, não raro, se impressionam - com o pânico dos privilegiados que, para não perder os próprios privilégios, denunciavam subversão, agitação e comunismo. O que complica a situação é que, por vezes, não deixa de haver infiltração de agitadores e subversivos.

Na medida em que a Igreja - ou homens da Igreja - descobrem que a chamada ordem social é antes uma desordem, uma injustiça estratificada; na medida em que a Igreja - ou homens da Igreja - descobrem que há estruturas criadoras de miséria e opressão, com as quais é impossível continuar convenientes, a Igreja ou homens da Igreja são mal vistos, mal interpretados, tidos e havidos como vermelhos e subversivos.

Felizmente, começam a surgir Militares que, também, se convencem de que é inglório e errado dar cobertura a estruturas desumanas, criadoras de escravidão. Para aludir a um exemplo, sobre o qual os dados não são ainda tão claros que já permitam afirmações categóricas, mas já são suficientes para merecer a melhor atenção, parece o caso de examinar o que se passa no Peru.

E os ricos dos Países ricos em quem se apoiam? Quem lhes dá cobertura? Aqui, conheço a situação muito mais do que eu. Haverá o complexo empresarial-militar a que tanto se alude? Haverá domínio prático da política por grandes grupos empresariais? Em que medida o cérebro dos técnicos se transforma em computadores eletrônicos, a serviço do complexo político-militar-empresarial? Exercem papel decisivo, junto ao público, - os meios de comunicação social, a Imprensa escrita e falada?

Importante no caso dos ricos dos Países ricos seria:

- denunciar a presença, nos países ricos, de pobreza, decorrente não da falta de capacidade e de coragem de trabalhar, mas do egoísmo do sistema;
- e denunciar injustiças cometidas pelos Países ricos no seu comércio com Países pobres. É possível provar que os Países devem a própria riqueza não a uma questão de superioridade racial - pois já é mais do que tempo de acabar com a mentira de superioridade de raças - ou ao uso da cabeça e da vontade de trabalhar, mas a abusos na balança comercial. Os preços são fixados nos grandes centros: e os preços das matérias primas dos Países pobres são sempre mais baixos e os dos produtos industrializados

dos Países ricos são sempre mais altos. Por outro lado, os investimentos feitos pelos Países ricos nos Países pobres, quando voltam, costumam levar, à margem da lei, suor e sangue dos Países pobres.

O que mais impressiona é que, em um País como o vosso, há liberdade de denunciar os abusos: as denúncias são feitas, mas tudo continua praticamente no mesmo.

Quem sabe, é urgente descobrir aliados:

- obter das Religiões - sobretudo dos Cristãos - que ultrapassem a fase dos grandes textos e das belas Conclusões e desçam a denúncias concretas de abusos que ferem a dignidade da pessoa humana;
- obter dos Políticos que inscrevam os direitos humanos, abertamente, não só nos temas de propaganda, mas nos projetos de ação pelos quais lutar;
- obter de Empresários menores, que nos ajudem a libertar-nos dos enormes Complexos que tendem a ser Donos sem alma de um Mundo sempre mais desumano;
- obter de Técnicos, que se tenham conservado humanos, que, em lugar de pôr a técnica a serviço de grupos sempre mais restritos, a coloquem a serviço da Humanidade;
- obter do Pentágono que mude sua filosofia política. Que para ele a Guerra nº 1, a Guerra única passe a ser a Guerra contra a Miséria, contra o subdesenvolvimento, contra os racismos, contra os Imperialismos.

Que o Pentágono queira para si uma glória mais importante ainda, do que ter contribuído, de maneira decisiva, para levar o homem à lua: queira a glória da cobertura à eliminação das causas da miséria, antes de tudo, dentro dos USA, mas, também, no Mundo inteiro.

## 2. A violência nos está conquistando?

Tenhamos a coragem de perguntar a nós mesmos em que medida a violência praticada a nosso lado, talvez por amigos nossos, conhecidos nossos, quem sabe companheiros de ontem, está nos impressionando? Será que estamos sendo, interiormente, conquistados pela violência?

Para quem tem raízes religiosas é impossível admitir que a última lavra, mesmo nesta vida, caiba à mentira, à fraude, ao egoísmo, à exploração, à força bruta. É impossível que Deus - que existe mesmo, e é Criador e Pai - não se decida vendo que homens sinceros se decidem a sacrificar-se pela verdade, pela justiça e pela paz.

Mas além desta convicção que se enraíza na fé, há uma consideração de ordem prática à qual ninguém tem o direito de ser indiferente.

Quem passa para a radicalização e a violência, parte, se vai, porque se convenceu de que violência dos pacíficos é utopia, canção para ninar recém-nascidos e não canção válida para homens conscientes, decididos e livres.

Ora, o que parece realismo da parte deles está longe de ser realismo autêntico.

Nos Países subdesenvolvidos que fazem os Movimentos violentos? Tentam guerrilhas. E houve um momento em que os exemplos de Cuba e do Vietnã pareciam decisivos. Hoje, se vê que o grande e heróico Povo cubano, se teve melhorias de condição interna, apenas mudou de órbita e está longe de ter realizado o sonho de concretizar a própria independência política e completá-la pela indispensável independência econômica. Quanto ao Vietnã, quem não percebe, que, apesar do heroísmo de seu Povo, o País se transformou em campo de luta onde duas Super-Potências se batem - não pelo Povo vietnamita - mas pelo controle militar, econômico e político da Ásia!...



Quanto à violência na América Latina, não tem sido possível guerrilha rural com participação efetiva dos Oprimidos, pela razão muito simples de ser sub-humana a situação em que se acham. Quem não tem uma razão para viver, como encontrará uma razão para morrer?

Quanto às guerrilhas urbanas, é tempo de alertar para o que encerram de absurdo e para o que acarretam de efeitos anti-psicológicos, além da nulidade prática de seus resultados.

Atacar Bancos para obter dinheiro para comprar armas para enfrentar as Forças Armadas é um conjunto de absurdos e erros psicológicos. De início, há risco de vida não só para os assaltantes, mas para humildes bancários, pertencentes, quase sempre, à classe explorada. Depois que soma de utopias! Que armas poderão ser compradas com o resultado de assaltos a Bancos que estão longe de ter a potência das Matrizes dos grandes Bancos Mundiais! Onde comprar as armas? Como fazê-las passar pelas fronteiras? Quem está preparado para manobrá-las?

Quanto aos sequestros de diplomatas, levantam uma onda de antipatia e de revolta, além de atentarem contra a dignidade da pessoa humana e de serem um meio errado em si mesmo, sobretudo na hipótese de os sequestradores eliminarem os sequestrados. Mesmo quando não há sacrifícios de vidas e há aparentes resultados a favor da violência - como a libertação de presos políticos - como resultante da libertação, vem a perda dos direitos civis e o exílio, o que para a maioria dos presos escolhidos, está longe de ser solução, agradável.

Nos Países desenvolvidos, há contestações simpáticas como as dos jovens, especialmente universitários. Na medida em que se tornam violentas, a reação, deixa, não raro, tristes saldos de feridos e mortos.

Convençamo-nos de que violência atrai violência. Se é verdade irrefutável que a fonte das violências, a matriz das violências são as injustiças; se é compreensível o mecanismo que gera a violência dos Oprimidos ou dos jovens em nome deles, é fora de dúvida que os Governos se julgarão no dever de salvar a ordem pública e a segurança nacional.

Não faltam e não faltarão políticos, sem grandes escrúpulos, para explorar o pânico ante as contestações violentas e se fazerem eleger com programas ultra-conservadores.

Tais sejam as violências, elas poderão servir de partida - mesmo em Países onde a democracia parece inabalável - para que, amanhã, se instalem ditaduras de direita, tão opressoras e lastimáveis, como as de esquerda. Nos nossos dias, vimos um exemplo que nos prova que nenhum País está livre de cair sob regime ditatorial: vimos a Alemanha de Goethe e de Bethoven sofrer o martírio do nazismo.

### 3. O perigo último e decisivo está dentro de nós

Se quisermos ajudar, de fato, a salvar o Mundo da violência e do caos, temos que arrancar, de nosso íntimo, raízes de violência que, facilmente, se infiltram em nós.

Já reparastes a facilidade com que nos irritamos contra quem não concorda conosco e nos contesta?... No entanto, é tão belo e tão profundo o pensamento que diz: "Se discordas de mim, tu me enriqueces". Ai de nós se só tivermos em volta papéis carbonos, que nos repitam, servilmente.

Já reparastes como vamos deixando que a amargura, o travo, o ressentimento penetrem em nós? Daí, para o ódio, estamos a um passo.

O ódio parece força e é fraqueza. Basta lembrar que o ódio é o contrário de Deus, que é Amor. O ódio não constrói: destrói.

Custa ao homem, com o seu complexo de superioridade masculina, ver na sua esposa alguém que o complete, inclusive na linha do pensamento, dos julgamentos, das decisões.

Custa ir preparando os filhos para a independência mental e a liberdade. É mais fácil e mais simples querer ver nos filhos, mesmo jovens e adultos, eternas crianças. É duro para muitos pais trocar a autoridade absoluta de ontem, pela única autoridade que tem vez nos nossos dias: a autoridade dialogante.

Custa, descobrir fraquezas, no lado humano da Igreja, e continuar a amá-la. É mais simples e mais cômodo romper com ela, como se não fôssemos em parte, responsáveis pelas suas falhas de vez que Pastores e Leigos todos somos Igreja.

É mais fácil e mais simples a atitude adolescente e impulsiva de romper, o que, além do mais, nos deixa mais livres para os nossos caprichos, e os nossos erros. É dura e difícil a atitude adulta de quem não se cega pela paixão, não radicaliza, não parte para atacar de fora, mas fica para ajudar a consertar de dentro.

Ante os erros e abusos do Poder econômico, do Poder político, do Poder militar é muito mais fácil - parecendo mais difícil e corajoso - atacar, demolir do que tentar o diálogo, insistentemente.

O que está em jogo, em última análise, é a nossa própria conversão.

Cremos ou não que o Mundo é criação de um Pai que nos ama e quer, e afetivamente, o nosso bem?... Cremos ou não, que custámos o sangue de Cristo? Custamos: todos nós. Não apenas um pequeno grupo de privilegiados da graça. Todos: o que nos obriga, dentro da esperança cristã, a não condeitar ninguém, como se certas classes, certos grupos ou certas pessoas já estivessem de antemão sem remédio...

Cremos ou não que o Espírito de Deus continua a soprar sobre a face da terra, ajudando o esforço dos bons?

Cremos ou não que, no plano do Criador, o homem recebeu a missão de dominar a natureza e completar a Criação?

Os objetivos, na violência dos pacíficos, devem ser claros e corajosos. Os métodos, na violência dos pacíficos, devem ser capazes de promover mudanças de estruturas. Mas de nada valerão objetivos e métodos se não forem alimentados por uma mística profunda.

Iluda-se quem quiser: só teremos força para converter os outros, se nós mesmos formos os primeiros a nos converter, vencendo dentro de nós o egoísmo, o amor-próprio, e sobretudo qualquer raiz de ódio.

Então, nossa palavra e nossa ação estarão cheias de Deus. E quem quiser que zombe de Deus. Quem quiser que ria, pensando que Ele é sombra do tempo do atrazo e para quem já não há lugar no tempo das viagens espaciais. Deus existe e continua de pé que Ele exalta os humildes e castiga os orgulhosos.

### III - Evocação a Martinho Lutero King

Meus Amigos:

No Mundo inteiro, há numerosas Organizações, sedentas de justiça - mas querendo obtê-la através da violência dos pacíficos. Várias se ligam à memória de Gandhi. Várias à de King. Algumas são confessionais, outras aconfessionais.



Mas tôdas estão precisando, com urgência de reavivar a chama. Andam meio-tontas com a escalada da violência, a espiral de violência, em que está caindo o homem de hoje.

Tôdas precisam de um Encontro que as sacuda, que as reanime, que hes reavive a mística. E tôdas ganharão em unir-se, claro que cada uma conservando a própria fisionomia e o espírito próprio.

Permiti que faça minha uma frase que nos é caríssima e que soa como música para nós: "Eu tive um sonho": Por que não convocais, para Atlanta, por ocasião do 3º aniversário da morte heróica de Martinho Lutero King, um Encontro de todos os grandes Movimentos de Violência dos Pacíficos!

Viríamos acender nossa fé em Deus e no homem! Viríamos acender nossa esperança na fôrça da palavra, da idêia, da verdade! Viríamos acender nosso amor: amor que deite raízes em Deus e não exclua ninguém, mas amor exigente e forte, amor realista, consciente de que, sem justiça, jamais teremos paz.

Viríamos a Atlanta, em torno de 4 de abril de 1971, acertar os relógios: marcar a hora K, a hora King!



# VIAGENS

Japão - Kyoto

20-Outubro-1970

ブラジル  
オリダス・レシーヌ大司教  
エルデル・カマラ

宗教と平和に関する世界会議  
世界に於ける  
社会構造の  
変革の  
必要性

宗教と平和に関する世界会議  
一九七〇年十月  
於京都

Alemanha

23-Outubro-1970

Secretariado Regional Nordeste II  
CNBB

Serviço de Apostilas nº 32  
Rua do Giriquiti 48 - RECIFE - Pe.



2,00

Í N D I C E

I - AS RELIGIÕES E AS NECESSÁRIAS MUDANÇAS DE ESTRUTURA NO MUNDO DE HOJE

"World Conference on Religion and Peace" -  
Kyoto, Japão - 20.10.1970

II - ANSEIOS DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS EM FACE DAS NA  
ÇÕES INDUSTRIALIZADAS

Cerimônia de abertura da 2ª Década do Desen  
volvimento - Deutschen Forum fuer Entwick  
politik - sob os auspícios do Govêrno da A  
lemanha Federal - Sala Beethoven - Bonn -  
23.10.1970

III - CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA PARA A VIDA SOCIAL NA AMERI  
CA LATINA

Comissão Alemã de Justiça e Paz - Bonn, Ale  
manha - 23.10.1970

IV - ACUSAÇÕES DE DOM GERALDO SIGAUD A DOM HELDER CÂMARA

• Carta de Dom Geraldo Sigaud a Mons. Heinrich  
Tenhumberg, Bispo de Münster - 11.8.1970

• Resposta de Mons. Heinrich Tenhumberg a Dom  
Geraldo Sigaud - 83º Congresso dos Católi  
cos em Trier - 9 a 13.9.1970

• Carta de Dom Helder Câmara aos Bispos da A  
lemanha - 29.9.1970



AS RELIGIÕES E AS NECESSÁRIAS MUDANÇAS  
DE ESTRUTURAS NO MUNDO DE HOJE

Palestra realizada na Assembléia Geral da "World Conference on Religion and Peace", no dia 20 de outubro de 1970, em Kyoto (Japão), por + Helder Camara, Arcebispo Católico de Olinda e Recife (Brasil).

1. Louvado seja Deus por nosso Encontro

Há alguns anos, uma reunião como esta pareceria sonho impossível. Ainda hoje, cada um de nós conhece as dificuldades que enfrenta dentro de sua própria Religião.

Em tese, somos aqui 300 Delegados. E' preferível não aprofundar muito quais são os nossos deveres e os nossos direitos; em que medida, cada um de nós pode falar em nome de seus irmãos de fé.

O importante é o milagre conduzido pelo Senhor: estamos aqui. Nós nos respeitamos mutuamente. Nenhum de nós tem preocupações proselitistas. Cada um chega, aberto ao máximo, para compreender seus irmãos e amá-los. Ninguém está aqui para desconhecer as fraquezas humanas, os erros, os pecados nos quais caímos em nosso trabalho de pregadores de Deus. Sobre tudo, estamos ansiosos por descobrir maneiras válidas de nos pormos de acôrdo para ajudar a Humanidade a enfrentar seus problemas imensos. Nós sabemos, muito bem, que o homem vive uma hora decisiva: ôle se tornou capaz, tanto de destruir a vida na Terra, como de tornar possível, para cada criatura humana, um nível de vida digno de um filho de Deus.

Um verdadeiro Encontro supõe que cada um saia de si-mesmo, rompendo seu egoísmo. Um verdadeiro Encontro exige que cada um, permanecendo fiel à própria consciência e às próprias convicções, busque, sem medir sacrifícios, o que nos une e o que tornará possível, amanhã, um trabalho conjunto para a glória de Deus e o bem dos homens.

Que Deus nos ajude a estar à altura do Encontro de Kyoto!

2. Muito grave a situação do Mundo

Sem cairmos no desânimo e no pessimismo, mas, também, sem nos iludirmos com um otimismo ingênuo, dentro de um realismo que a nossa fé nos dará forças para enfrentar, poderemos, eu espero, reconhecer, juntos, que:

- há uma distância, cada vez maior, entre um grupo pequeno de Países, sempre mais ricos, e Continentes inteiros que, salvo um ou outro País, ou salvas regiões dentro dêste ou daquele País, mergulham, sempre mais, na miséria e no subdesenvolvimento;

- nos Países pobres, costuma haver pequenos grupos privilegiados que, cegos e surdos à condição sub-humana de seus concidadãos, mantêm, à custa da miséria dêles, a própria riqueza;

- nos Países ricos, há camadas de pobreza, há sub-trabalhadores, levando uma vida que contrasta, dolorosamente, com a prosperidade, o esplendor e o luxo ambientes;

- os Países ricos são levados, instintivamente, a acreditar que a própria prosperidade é devida, antes de mais nada, a uma superioridade racial, e muito a uma questão de inteligência, de trabalho decidido e firme, e de honradez. Os Países ricos são levados, instintivamente, a acreditar que a miséria dos Países subdesenvolvidos se prende, antes de mais nada, a um problema de inferioridade racial, e muito a uma questão de ignorância, de



preguiça e de desonestidade, tudo agravado por uma proliferação absurda, que torna impossível qualquer plano de arrancada para o desenvolvimento;

- a verdadeira explicação da distância, sempre maior, entre Países ricos e Países pobres está nas injustiças da política internacional do comércio. Os preços do comércio internacional são fixados nos grandes centros comerciais do Mundo, sendo que as matérias primas dos Países pobres têm preços sempre mais baixos e os produtos industrializados dos Países ricos têm preços sempre mais altos. É fácil multiplicar os exemplos que provam que os Países pobres devem produzir cada vez mais e receber cada vez menos por seu trabalho;

- assim como dentro dos Países pobres há ricos cuja riqueza é mantida a custa da miséria de milhões de concidadãos, os Países ricos mantêm sua riqueza à custa do subdesenvolvimento e da miséria dos Países pobres. O que, depois, pretendem retribuir em ajudas técnicas e financeiras é gota d'água que, de modo algum, compensa os prejuízos vitais, sofridos pelos Países subdesenvolvidos;

- às injustiças do comércio é preciso, em alguns casos, ajuntar o que, abusivamente, à margem da lei, volta, aos Países ricos, como rendimento extorsivo dos investimentos.

### 3. Responsabilidade enorme das Religiões

Que nenhuma Religião ceda à tentação de pensar que considerações como as que acabo de fazer escapam à nossa órbita religiosa e pertencem à órbita política. Há, no fundo de todo este quadro do Mundo de hoje, um grave problema de ordem moral e um gravíssimo problema de ordem religiosa. O grave problema de ordem moral é o egoísmo, que está na raiz de todos os males aqui evocados. Houvesse menos egoísmo e não haveria distâncias tão berrantes dentro de um mesmo País, como não haveria distâncias tão berrantes entre Países de abundância e Países de miséria. O gravíssimo problema religioso é o mistério de saber por que as grandes Religiões do Mundo não conseguimos vencer o egoísmo, tocar as consciências dos privilegiados - indivíduos, grupos e Países - a ponto de assistirmos, hoje, o início da explosão do ódio e da violência no Mundo inteiro.

Que os meus irmãos Cristãos me permitam a confiança e a coragem de reconhecer que, entre os mais responsáveis, em face da Humanidade, nos achamos nós. Ser-nos-ia fácil embalar-nos na ilusão de enumerar benefícios que, através da mensagem cristã, levamos aos homens. Se fôrmos ao âmago do problema, veremos que 20% da Humanidade têm nas mãos 80% dos recursos da terra e, para vergonha nossa, os 20% de privilegiados - que não estão encontrando meios de superar o próprio egoísmo e de encontrar os caminhos da justiça e do amor, capazes de conduzir à paz - ao menos de origem, são cristãos.

Seria altamente válido para a nossa meditação que, em lugar de cada Religião ficar preocupada em defender-se e em acusar suas Irmãs, todas as Religiões presentes nos unissemos na coragem humilde de reconhecer nossas dívidas para com a Humanidade e, sobretudo, nos unissemos na confiança de buscar, juntos, a maneira de superar nossas falhas e tudo fazer pela vitória do amor e da paz entre todos os Povos.

### 4. Para além do que nos separa

Fiquemos alertas para inúmeros fatores de divisão entre nós e, sobretudo, entre os nossos: língua, raça, divergências religiosas, guerras presentes ou passadas, preconceitos, informações deturpadas, ausência do conhecimento mútuo...

Se não nos convenceremos da gravidade excepcional da hora que passa e da responsabilidade singular que têm as Religiões em face da Humanidade, vencerá a desunião.

Tenhamos bem diante dos olhos os agravantes principais da situação de hoje: as injustiças, hoje, não atingem apenas indivíduos e grupos, mas atingem Países e Continentes inteiros com os meios rapidíssimos de comunicação social, a mi-

séria e o esplendor, que ocorrem em qualquer lugar do Mundo, não podem ficar fechados, ocultos: chegam ao conhecimento da Terra inteira; e, vale repetir, vivemos um momento da história em que o homem é capaz de liquidar a raça humana, como é capaz de levar todos os Povos a uma situação compatível com a dignidade humana, quando se sabe, que, nos nossos dias, mais de 2/3 dos homens vegetam em situação sub-humana.

Tenhamos bem diante dos olhos o que exige que as Religiões encontrem meios de trabalhar juntas pela paz, para além do que nos separa: na raiz das injustiças econômico-sociais e das atitudes erradas no terreno político-cultural, o problema é moral, é religioso.

### 5. Três ou quatro pontos essenciais

Se pretendemos entrar de acordo em relação a dezenas de conclusões, estaremos nos iludindo a nós mesmos. Já seria altamente positivo se conseguíssemos acordo em relação a 3 ou 4 pontos essenciais.

Seja-me permitida a confiança de sugerir os seguintes:

- a) - a paz só se tornará realidade na medida em que houver justiça;
- b) - sem perda de tempo, tentemos, em esforço enquanto possível conjunto, descobrir, com segurança, em termos da realidade de cada Região, de cada País, de cada Continente e do Mundo, quais são as injustiças mais gritantes, mais graves, mais comprometedoras da paz;
- c) - sem ódio, sem incitamento à violência, mas sem medo e com firmeza, denunciemos as injustiças como o grande obstáculo para a paz e como a fonte e matriz de todas as violências.

Vamos repetir em tese, estes 3 pontos essenciais:

- sem justiça, não teremos paz;
- tentemos, sem demora, caracterizar as mais graves injustiças em torno de nós e no Mundo;
- unamo-nos para clamar por justiça e amor como o caminho para uma paz duradoura e válida.

### 6. Ação Justiça e Paz

Talvez a humildade, somando-se a uma ponta de desânimo, nos leve a pensar que é nada ou quase nada o que cada um de nós vai conseguir fazer. Pequenas Minorias, decididas e firmes; cheias de fé, de esperança e de amor podem realizar prodígios.

Há ondas de radicalização e de ódio invadindo todos os Países e ameaçando o Mundo.

Deus que é Amor, deve estar despertando, no íntimo das consciências, vocações numerosas de servidores da paz. Dentro de todas as línguas, de todas as raças, de todas as Religiões, de todas as idades, de todas as classes sociais, o Espírito de Deus deve estar soprando.

Que cada um de nós, sem perda de tempo, dentro do próprio País, procure encontrar e encorajar aqueles a quem o Senhor está chamando para trabalhar pela justiça como condição de paz: jovens, adultos e velhos, homens e mulheres; estudantes e professores; trabalhadores e patrões; analfabetos e intelectuais; civis e militares.

Deus exige o nosso esforço, a nossa participação: mas, Ele já está em trabalho já fez o apelo decisivo, já deu o toque da graça.

Como ajudar-nos mutuamente? Como obter que se somem os nossos esforços e vá na mesma direção o trabalho de todos nós?



Não se tratará, de modo algum, de um Partido Político, nem de nova seita, nem de Movimento que tenha chefes nacionais e mundiais. São irmãos que têm o mesmo ideal de trabalhar pela justiça como condição de paz. Queremos ação para a justiça que levará à paz. De maneira mais sintética: Ação Justiça e Paz.

Se tiver soado a hora da Providência, se se tratar de semente divina, para além das nossas limitações e das nossas fraquezas, das nossas divisões e do nosso egoísmo, a Ação Justiça e Paz reunirá os homens de boa vontade do Mundo inteiro.

Para apelos inofensivos e inócuos em favor da justiça? Para exigir mudanças das estruturas de escravidão, onde quer que, com nome ou sem nome, a escravidão se realize. Para exigir que cessem os colonialismos internos, ou neo-colonialismos, os imperialismos capitalistas ou socialistas. Para exigir que as relações comerciais entre os Povos se façam em nome da justiça e não da exploração e da ganância.

Utopia? Absurdo?

Se as Religiões do Mundo inteiro, cada uma continuando fiel a si mesma e à mensagem que recebeu de Deus, se somarem para apoiar a Ação Justiça e Paz, o que parece absurdo se tornará viável, o que parece utopia se tornará realidade.

-- = == = == = ==

## ANSEIOS DOS PAISES SUB-DESENVOLVIDOS

### EM FACE DAS NAÇÕES INDUSTRIALIZADAS

Palestra realizada, em Bonn, na Sala Beethoven, na manhã de 23 de outubro de 1970, por + Helder Camara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), durante a Cerimônia de abertura da 2ª Década do Desenvolvimento, iniciativa do "Deutschen Forum fuer Entwicklungspolitik", sob os auspícios do Governo da Alemanha Federal.

#### 1. Consciências Humanas escutando uma Voz Humana

O Forum Germânico para a Política do Desenvolvimento me encarregou da responsabilidade de tentar interpretar, nesta sessão soleníssima, os Anseios dos Países sub-desenvolvidos em face das Nações industrializadas, ao abrir-se a 2ª Década do Desenvolvimento.

Nós todos sabemos que a oportunidade exata de conhecer, mais do que os anseios, as exigências do Mundo subdesenvolvido, será a próxima Assembleia das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. Deus permita que não se renove o fracasso das duas Reuniões anteriores, durante as quais os Países de abundância foram de uma revoltante e perigosa frieza ante o esforço dos Países subdesenvolvidos, desejosos de demonstrar que sua pobreza alimenta a riqueza das Nações industrializadas e post-industrializadas.

E' compreensível que o reclamo dos pequenos pareça aos fortes ressentimento, recalque e ingratidão,

Vós me chamastes, a mim que não sou homem de Governo, nem técnico, mas um simples Pastor, embora me fique a esperança de poder falar não apenas em nome dos Povos que seguem a minha própria Religião, mas em nome de todos os Oprimidos, todos os Sem-Vez e Sem-Voz. Permiti, então, que v.s peça:

- assim como procurarei, ao máximo, falar sem amargura e sem travejo, sem preconceitos e sem paixões ideológicas, desarmai-vos, também, ao máximo.

Seja o nosso Encontro um Encontro de Homens - para além das barreiras de raças, linguas, religiões, ideologias. Seja um Encontro em que Consciências Humanas escutem uma Voz Humana, na ânsia comum de abrir caminhos para um Mundo mais solidário e mais humano.

#### 2. Equívocos e preconceitos a afastar do caminho

Se vos perguntardes a vós mesmos por que há Países sempre mais ricos e Países sempre mais pobres, no íntimo, provavelmente, pensareis que há, de início, uma questão de raça: os brancos não têm culpa de ser inteligentes, firmes de vontade, amigos do trabalho e da honradez; os de-côr arrastam a desvantagem da falta de inteligência, que os mergulha em ignorância tanto mais perigosa quando hoje o progresso se liga, direta e necessariamente, ao avanço da técnica; os de-côr têm ainda o contrapeso da vontade fraca, do pouco amor ao trabalho, e da inclinação à desonestidade e à falta de escrúpulos.

Se, pessoalmente, não é este o vosso parecer, creio não ser injusto afirmando que é o pensamento último do comum dos habitantes de Países de abundância. Os técnicos se encarregam de acrescentar que a situação precária dos Países subdesenvolvidos tornar-se-á insolúvel se a explosão demográfica dos Países pobres não for, imediatamente, corrigida por ampla e corajosa política de planificação familiar.

Se me perguntardes o que vos posso responder, não como um membro



do Mundo subdesenvolvido, mas como uma consciência humana, eu vos direi:

- é equívoco perigoso raciocinar em termos de superioridade racial. Um branco, colocado em situação sub-humana - sem casa, que mereça o nome de casa, com uma dieta de fome, sem saúde, sem um mínimo de condição de educação, sem trabalho livre e, sobretudo, sem perspectiva e sem esperança - daria a mesma impressão de indolência, incapacidade e malandragem;
- o problema demográfico existe, mas está longe de ser o âmago do complexo problema do desenvolvimento.

### 3. Perguntas que ganhareis em fazer a vós mesmos

E' verdade ou é engano que os preços do comércio internacional são fixados nos grandes centros comerciais do Mundo?

E' verdade ou é engano que, na fixação dos preços comerciais, tomados em conjunto, os preços das matérias primas dos Países subdesenvolvidos - são sempre mais baixos e os preços dos produtos industrializados dos Países de abundância são sempre mais altos?

Não vos iludias a vós mesmos pensando que os Países ricos comprem matérias primas dos Países pobres por simples generosidade, pois, em rigor, poderiam prescindir delas, apelando para sucedâneos.

Reparastes que no comércio entre Países ricos e Países pobres, facilmente as injustiças dos Países ricos são entendidas e apoiadas por grupos privilegiados dos Países pobres?

Estes grupos privilegiados dos Países pobres mantêm a própria riqueza à custa da miséria de milhões de concidadãos.

Notastes que aceitar que ricos dos Países pobres mantenham a própria riqueza à custa da miséria de milhões de concidadãos, vos é mais fácil do que ouvir dizer que, por sua vez, os Países ricos baseiam sua riqueza na miséria dos Países subdesenvolvidos?

Pergunta mais direta e mais concreta - foi proclamado o fim do Colonialismo e, de fato, vários Países, politicamente independentes, tomam parte nas decisões da ONU: mas, quando a Comunidade Européia se reúne com os 16 Países Africanos associados, trata-se, realmente de uma reunião de pares, ou é o neo-colonialismo que surge?

Através dessas e de outras interrogações fáceis de imaginar, não tais pressentindo que os dois obstáculos máximos para que os Países pobres se arranquem do subdesenvolvimento e da miséria são:

- de um lado, o Colonialismo interno, isto é, pequenos grupos de famílias privilegiadas, cuja riqueza é mantida sobre a miséria dos próprios concidadãos?
- e de outro lado, o neo-Colonialismo externo, que continua anulando, praticamente, a independência política dos Países pobres, através de uma semi-escravidão econômica?

### 4. Pseudo-soluções a avaliar devidamente

Atenção para pseudo-soluções, que podem ter o seu papel e o seu alcance como medidas auxiliares, jamais como soluções:

- ajudas técnicas e financeiras, tanto de origem americana, como de origem europeia: deverão ser banidas, se surgirem para fazer esquecer os graves e fundamentais problemas de injustiça na política internacional do comércio; poderão e até deverão ser mantidas, como medidas provisórias, enquanto se tenta um acerto no problema complexíssimo da fixação dos preços da balança comercial;

- investimentos particulares, como complementos a ajudas oficiais: deverão ser banidos se vierem através de Trusts, fóra-da-lei nos Países de origem e carentes de medida semelhante em plano internacional; deverão ser banidos, se conseguirem lucros remetidos ao País de origem, à margem da lei e em nível de esbulho; poderão e até deverão ser incentivados, se realmente chegarem com a intenção de incentivar o desenvolvimento do País em que são aplicados.

Quanto à política de planificação familiar, os Países subdesenvolvidos:

- a repelimos, se ela surge para fazer esquecer o essencial do problema, as verdadeiras causas do sub-desenvolvimento, isto é, o colonialismo interno e o neo-colonialismo externo;
- nós a repelimos, também, como medida maciça e teleguiada, a ser dirigida de-fora, muito mais a serviço de interesses externos do que de interesses locais, e sem respeito à pessoa humana, à sua psicologia e a suas crenças tradicionais;
- nós a aceitamos como medida interna, especialmente a cargo da orientação religiosa e educacional, e dependente, em última análise, da consciência dos Países de família.

### 5. Grave problema de ordem moral por detrás de problemas econômicos

O que se nota é que, tanto no caso dos ricos dos Países pobres, que mantêm milhões de concidadãos em situação sub-humana; como no caso dos ricos dos Países ricos, que mantêm áreas de pobreza nos Países de abundância; como, ainda, no caso dos Países ricos em relação aos Países pobres: há, para além dos problemas econômicos, um grave, um gravíssimo problema de ordem moral: o egoísmo, a ganância, a avareza, levando a ofensas contra a justiça, que são a matriz de todas as violências.

Acaba de reunir-se, em Kyoto, no Japão, uma Conferência Mundial sobre Religião e Paz. Delegados de todas as grandes Religiões do Mundo tentaram medir a responsabilidade das Religiões em face das injustiças dominantes em toda parte. Longe de mim pretender trazer lições ao Fórum Germânico para política de desenvolvimento. Depois, no entanto, de salientar, entre outros, três focos principais de agravamento da situação mundial, terei a confiança de deixar aqui uma sugestão concreta quanto a um item de programa, ligado ao aspecto moral do desenvolvimento e que, talvez, mereça, quem sabe, a vossa atenção e vosso apoio.

### 6. Três focos principais de agravamento da situação mundial

#### 6.1. Corrida armamentista

Há Países industrializados que se consideram na obrigação de armar-se para defesa própria, sobretudo, após experiências dolorosas de esmagamentos recebidos. Ocorre que a experiência prova: a maneira única de produzir, economicamente, armas para a própria defesa, é produzir em escala de exportar. Caem, então, Países de alta expressão cultural e de enorme experiência humana, inclusive quanto aos horrores e à loucura da guerra, na contingência de vender a morte e, em última análise, talvez o próprio suicídio, através do suicídio coletivo da humanidade.

Todas as implicações morais estão contidas na premissa "defesa própria, exige exportação de armas": incitamento a Países sub-desenvolvidos, a que se privem da esperança de arrancar-se da miséria, para que se possam armar contra vizinhos belicosos e mal intencionados.

Quando os Ministérios de Planeamento, de Economia, de Finanças, de Trabalho indicam o que significa, dentro do Orçamento Geral do País, o rendimento das indústrias de guerra, por mais perturbação que o dado cause em consciências sensíveis, há a tentação de perguntar como evitar o desemprego e talvez a perturbação social, se se pensar no aproveitamento dos quadros da



indústria bélica, nas saturadas indústrias de paz. Daí, a provocar guerras locais, é um passo mínimo, embora perigosíssimo, pois, hoje, jamais se sabe quando, ao atear-se uma guerra aparentemente local, não se está preparando a destruição total da humanidade.

E pensar-se que acabo de descrever não apenas o drama de Super-potências como os USA, a URSS e a China Vermelha, mas até o de Países como a França e a Bélgica!... E fica-se perguntando até quando a nova futura Super-potência, o Japão e vossa poderosa Alemanha Federal - fora da corrida armamentista por circunstâncias inteiramente especiais - conseguirão escapar - deste círculo maldito!?!...

## 6.2. Espiral da violência

Quando os Povos abrem os olhos para a evidência de que a violência não é de todas as violências são as injustiças existentes, infelizmente, em toda parte!?!...

Esta violência nº 1 dá e dará sempre mais nascimento à violência nº 2: a resposta dos Oprimidos ou da Juventude em nome dos Sem-Voz.

Na medida em que a reação dos Oprimidos chega à rua, o Governo se sente no direito e na obrigação de interferir com a violência nº 3.

E cai o Mundo na perigosa espiral da violência que aí está diante dos nossos olhos.

Há, inclusive, sinais de perigo crescente de o Mundo ir caindo em Regimes de força, de direita ou de esquerda, ou, uma vez já instalado o Regime de força, passar a Regimes sempre mais rígidos, descendo-se, por uma desgraçada lógica interna, até as torturas mais vis e aos campos de concentração.

A Alemanha dos grandes filósofos e dos grandes músicos - e, não por acaso, estamos aqui sob a inspiração de Beethoven - nos prova, através de experiência dolorosíssima que nem mesmo os Países mais cultos estão livres de viver dias tristes que a gente gostaria de esquecer para sempre.

## 6.3. Quintessência do egoísmo internacional

Um terceiro exemplo, entre outros, de agravamento trágico da situação da Humanidade é o que se pode chamar perigo de uma nova Yalta.

Todos conhecemos o que significou o encontro dos 3 Grandes na Crimeia, quando ainda não chegara ao termo a 2ª Guerra Mundial: ali, se dividiram entre 3 as zonas de influência da Terra. E o embate ideológico? E a luta de vida e de morte, e a impossibilidade essencial de entendimento entre Este e Oeste, entre Capitalismo e Comunismo? Na hora em que os interesses clamam mais alto, estas preocupações são deixadas aos ingênuos que matam ou morrem na base, jurando por suas ideologias, ou servem de pretexto na hora de aliciar inocentes, ou de encontrar excusas morais diante do Mundo.

Quem nos diz que a hora não está quase madura para uma 2ª e gigantesca Yalta, com todas as Super-potências capitalistas e socialistas em volta de u'a mesa, e já não apenas para a divisão da Terra, mas, nesta hora de viagens espaciais e de telestares, para a divisão do Universo!?!...

Claro que não lastimo o entendimento, o encontro em volta de u'a mesma mesa. Aflige ver que um Encontro destes se venha, talvez, a realizar amanhã não sob o signo do Amor e a serviço da solidariedade humana, mas sob o signo do Egoísmo, da Ganância e a serviço da Escravidão de mais de 2/3 da Humanidade!...

## 7. Sugestão fraterna para um capítulo indispensável na política do desenvolvimento

Não apenas como um capítulo final, moralizante, que se acrescenta

para captar a boa vontade de pessoas bondosas e ingênuas ou para efeitos de evitar má consciência, mas como preocupação de ir ao âmago do problema, impõe-se à atenção do Fórum Germânico para Política de Desenvolvimento, neste início da 2ª. Década do Desenvolvimento, a urgência de um programa de conscientização dos Povos desenvolvidos.

Para evitar, de um lado, o perigo das generalidades vazias, e, de outro lado, o inconveniente de um excesso de pormenores, que seriam um desrespeito à inteligência e à imaginação criadora dos que me escutam, permito-me indicar algumas linhas gerais deste plano de conscientização dos Países desenvolvidos:

- Carta viva do próprio País - Unam-se as Famílias, as Escolas, as Igrejas, os Meios de Comunicação de Massa para levar a juventude dos Países desenvolvidos a levantar a Carta viva do próprio País.

As estatísticas são frias e deixam escapar aspectos humanos fundamentais, flagrantes vivos essenciais. Que os jovens sejam levados a descobrir - em volta da própria casa, da própria escola, da própria Igreja, do próprio Clube, da própria quadra de jogos - onde se chamam as camadas pobres de seu País rico; onde se encontram os sub-trabalhadores de seu País de Trabalhadores que se instalam na vida e adquirem situação social estável e digna.

Nos USA, que exportam excedentes de alimentos para o Mundo inteiro, foi levantado, com base rigorosa em estatísticas oficiais, um terrivelmente impressionante Mapa da fome dentro do País.

Se cada grupo de jovens realizar o levantamento de sua área, os jovens do País inteiro chegarão ao Mapa que falta. Produto bruto nacional, índice de produção das matérias vitais para o desenvolvimento, avanço técnico, crescimento na linha de automação, nada do que significar progresso poderá ou deverá ser detido. A Carta viva do País é o complemento vivo, humano, da apresentação fria, parcial, unilateral a que nos leva uma economia desligada do humano.

- Interesse vital pela próxima UNCTAD - Alunos e professores, especialmente do ensino médio e evidentemente do ensino superior; técnicos de todas as especialidades, sobretudo nos domínios da economia, sociologia, política, educação, saúde; fiéis e pastores de todas as religiões; humanistas ateus; membros de todos os Partidos políticos - que têm mensagem humana; jovens trabalhadores e líderes empresariais; jornalistas da Imprensa escrita e falada, precisam unir-se, nos Países desenvolvidos, para tomar interesse vital a próxima Assembléia das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

A motivação para o caso é, essencialmente, esta:

- duas vezes, a primeira em Genebra, a segunda em Nova Delhi, os Países subdesenvolvidos da Ásia, da África e da América Latina tentaram, em vão, um diálogo com os Países desenvolvidos;
- desejavam, fundamentalmente, dizer e provar, sem ódio, sem ressentimento, com dados e fatos, que a riqueza dos Países de abundância está sendo construída à custa da miséria dos Países pobres.

Por que temer a verdade? Por que tentar fugir dela? Será que, de fato, a prosperidade de alguns Países ricos ou a de todos os Países ricos deixa raízes na miséria e na fome de 2/3 da Humanidade?

Qual é, de verdade e por dentro, a política internacional do comércio de nosso País?...

Evidentemente que não esqueço pecados graves dos Países subdesenvolvidos: há, também, urgência de movimentos para conscientizá-los. Mas sem mudança de estruturas nos Países ricos será inútil qualquer tentativa de mudança de estruturas nos Países pobres.



Prepara-se a 3ª UNCTAD, a 3ª tentativa de diálogo entre o Mundo subdesenvolvido e o Mundo desenvolvido. Que o Forum Germânico de Política do Desenvolvimento dê o exemplo de acender na Alemanha Federal um interesse vital pela próxima UNCTAD.

- Justiça como condição de paz - Paulo VI fez ressoar, no Mundo inteiro, a palavra felicíssima, a palavra exata: - desenvolvimento é o novo nome da paz.

Que o Forum Germânico dê ressonância mundial a esta verdade, igualmente urgente e necessária: sem justiça, impossível a paz. Portanto, sem justiça, poderá haver crescimento econômico, superpotência, sociedade post-industrial, mas sem justiça, impossível o desenvolvimento

A quem se escandalizar ouvindo um Bispo fazer um discurso de aparência laica e de preocupações, à primeira vista, puramente terrenas, seja-me permitido, neste fecho, lembrar que quando se batalha, pacificamente, pela justiça e pela paz; quando se luta, pacificamente, pela promoção de Países e Continentes inteiros, marginalizados, a posição assumida é profundamente religiosa. Quem somos nós para tornar Deus mais feliz, mais poderoso, mais Deus?... A melhor maneira de louvar a Deus é gastar a vida a serviço do filho de Deus, do co-Criador, do homem nosso irmão, mesmo porque a vida eterna começa nesta vida e a libertação pascal começa com a libertação terrena.

.....

## CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA PARA

### A VIDA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

Conferência proferida em Bonn (Alemanha Federal), na tarde de 23 de outubro de 1970, por + Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), sob os auspícios da Comissão Alemã de Justiça e Paz.

#### 1. Paulo VI nos deu as grandes diretrizes

Levando mais longe o pensamento de Seus Predecessores, Paulo VI sublinhou:

- que a finalidade a atingir, em nosso trabalho pelo bem comum, é o desenvolvimento integral, isto é, o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens;
- que, em nossos dias, não há apenas indivíduos e grupos pobres, mas Países e Continentes, que mergulham no subdesenvolvimento e na miséria;
- que as ajudas dos Países ricos são necessárias, mas que elas não bastam: é preciso atingir o âmago do problema - as injustiças na política internacional do comércio. Para tentar aprofundar a lição que a "Populorum Progressio" nos dá, façamos um esforço para olhar mais de perto a situação do Mundo subdesenvolvido - e, de modo especial, a da América Latina - para denunciar, após, os erros mais graves que a Igreja deve ajudar a combater, para tornar mais válida sua contribuição para a vida social, na América Latina e no Mundo inteiro.

#### 2. Situação do Mundo subdesenvolvido e, sobretudo, da América Latina

##### 2.1. Fielis à verdade e à Igreja

Nossos males podem reduzir-se a dois problemas-chave:

- no interior de nossos Países, o Colonialismo interno;
- vindo de fora, o neo-Colonialismo, fruto do Imperialismo econômico.

Que ninguém me peça que eu não continui, para que eu permaneça na órbita religiosa, a única das órbitas que convém à Igreja, e para que se evite o perigo de cair em tomadas de posição exageradas e que, facilmente, conduzirão à radicalização e ao ódio.

Se me permitirdes por o dedo nestas duas chagas - o colonialismo interno e o neo-colonialismo - espero lembrar-vos a enorme responsabilidade da Igreja em face destes dois problemas-chave.

Se me permitirdes continuar, espero lembrar-vos que a radicalização e o ódio se alimentam, exatamente, destas injustiças e de suas consequências, que são a violência nº 1, a violência-mãe de todas as violências, de ontem, de hoje, e, sobretudo, das inevitáveis violências de amanhã.

##### 2.2. Dois frutos malditos do egoísmo de escala continental e até planetária

###### 2.2.1 Banqueiros Suíços denunciam o Colonialismo interno na América Latina

Um dia, em Genebra, eu fazia uma conferência privada, para um pequeno grupo de Banqueiros Suíços. Em dado momento, um deles fez esta observação: -



"Se os ricos, de seu Continente, fizessem voltar, para investimentos válidos o dinheiro que mantêm, na Suíça e nos USA, em contas numeradas, a América Latina não precisaria de ajuda nenhuma para arrancar-se do subdesenvolvimento e da miséria."

Sem querer ferir ninguém, no desejo único de sacudir consciências, é preciso acrescentar que estes ricos latino-americanos, de quem falava o Banqueiro Suíço, mantêm a própria riqueza às custas da miséria de milhões de concidadãos (eis o colonialismo interno). É preciso, ainda, reconhecer que, muito facilmente, para sustentar e alargar o próprio dinheiro, fazem o jogo de grupos econômicos, de trusts internacionais, prestando-se a oferecer-lhes fachada nacional.

Enquanto não se descobrir a maneira válida de ultrapassar o Colonialismo interno, as iniciativas dos Governos locais e as ajudas vindas de fora tornarão estes ricos ainda mais ricos e mergulharão, ainda mais, nossos pobres na miséria e na fome.

Quando se fala em promoção humana das Massas que se acham em situação infra-humana; quando se fala em necessidade e urgência de mudança das estruturas econômico-sociais e político-culturais; ou, mesmo, mais modestamente, quando se fala em reformas de base, os Privilegiados de nosso Continente, com habilidade, denunciam o perigo de subversão e do comunismo. Claro que eles chegam, quase sempre, a obter o apoio dos Governos, preocupados com a ordem social e com a segurança nacional. Chegam, muitas vezes, pelas mesmas razões - ou sob os mesmos pretextos - a sensibilizar uma certa parte dos líderes religiosos. Manobrando os instrumentos de comunicação de massa, controlam, habilmente, a opinião pública. Algumas vezes, se sentiram na contingência de fazer deformar certas figuras e de fazer ferir a reputação daqueles que lhes criam problemas.

Tudo isto se passa em convivência, fácil de compreender, com o neo-colonialismo, nascido de imperialismo econômico.

### 2.2.2. Jovens, de vossos Países, denunciam o neo-colonialismo, nascido do Imperialismo econômico

Assistimos ao fim do colonialismo político. O que dêle resta, aqui e ali, é penoso anacronismo, que envergonhará, um dia, Países que não sabem marchar com a História.

Mas, a América Latina o sabe muito bem que, sem independência econômica, a independência política fica muito precária. E todo o Mundo subdesenvolvido faz a triste experiência do neo-colonialismo, que, aparentemente, salva a independência política, mas nos faz viver um estado de minoridade econômica.

Donde vem este neo-colonialismo? Quando se examina este problema com a liberdade dos filhos de Deus, chega-se a descobertas espantosas.

Para começar, o imperialismo econômico, que conduz ao neo-colonialismo, existe, tanto do lado capitalista, como do lado socialista. Entre os satélites dos USA e os da URSS, há diferenciações, mas, afinal, eles se encontram, tendo idêntica minoridade econômica e, na prática, a mesma falta de liberdade.

No Mundo Socialista os satélites se arrancam do analfabetismo e da miséria, o que não ocorre com os satélites do Mundo Capitalista, apesar de algumas campanhas de alfabetização e saúde, ajudadas pela Super-Potência capitalista.

No Mundo Socialista, a falta de liberdade é mais brutal: não é por acaso que se fala em Cortina de Ferro e temos ainda sob os olhos o esmagamento daqueles que tiveram a audácia de pensar em escapar do modelo único; no Mundo Capitalista, há uma aparência de liberdade, desde que baste simplesmente falar em dignidade humana e em direitos do homem, de maneira geral e vaga, sem pretender, de fato, chegar a mudanças de estruturas que, então, ajudariam a "subversão" e o "comunismo".

Nos dois Mundos, há esmagamento econômico dos satélites: a única diferença é que no Mundo capitalista, as matérias primas são fornecidas pelos satélites e os produtos industrializados vêm da Metrópole; e, no Mundo Socialista, é a Metrópole que fornece as matérias primas e são os satélites que devem entregar os produtos industrializados, que eles são encarregados de fabricar. Mas, claro que nos dois casos, os preços são marcados segundo a boa regra dos Impérios.

As duas Super-Potências - os USA e a URSS - acabam forçando o surgimento de outras Super-Potências. Ao alcance da vista, há algumas, cuja marca, mais hoje, mais amanhã, os Países subdesenvolvidos acabarão conhecendo, pois as entranhas das Super-Potências são imperialistas.

Poder-se-ia pensar que as Super-Potências acabarão por neutralizar-se mutuamente.

Yalta está aí para lembrar-nos como, afinal, elas descobrem o caminho do entendimento, à custa dos Países oprimidos, cuja situação se torna sempre mais trágica.

Será que se tem o direito de por, entre as Super-Potências, o Mercado Comum Europeu, ou, a Comunidade Européia é o contrário de um Império, chegando do mesmo a ser a resposta democrática aos Impérios econômicos?

Não tenhamos ilusões, que os jovens de vossos Países não chegam a aceitar. Os seis Países de hoje, os prováveis dez de amanhã, têm e terão a necessidade de Países Associados (belo eufemismo!). Por enquanto, eles são 16, na África. Amanhã, talvez, a América Latina chegue ao nível de ser associada...

Jovens, dos Países ricos, descobrem, facilmente, que não se trata de uma verdadeira colaboração fraterna. Em torno de u'a mesa, os Países-membros e os Países-associados não serão jamais parceiros. Problema de raça, de inteligência, de vigor no trabalho, de honestidade? São aparências de respostas ou falsas respostas, agravadas, agora, pela exploração de um problema real - a explosão demográfica.

Tenhamos a coragem de reconhecer: a Comunidade Européia, a despeito das intenções mais generosas, é ainda e sempre, o velho colonialismo, que se apresenta, mascarado de neo-colonialismo.

Tenhamos a coragem de aceitar o paralelismo um tanto chocante: assim como, no interior dos Países subdesenvolvidos, pequenos grupos de ricos mantêm a própria riqueza sobre a miséria de milhões de concidadãos, assim também, nas relações internacionais, as Super-Potências mantêm a riqueza à custa dos Países pobres.

### 3. Permiti-me retocar e alargar vossa questão

Vossa questão se colocava a propósito de "contribuição da Igreja" (termo muito vasto) "para a vida social na América Latina" (campo limitado demais).

Depois desta visão de conjunto sobre a situação do Mundo, permiti-me examinar, diretamente, a missão - que me parece um desafio apaixonante e temível - das Comissões de Justiça e Paz, em face das injustiças, manobradas pelos Senhores do Mundo.

Os Bispos do Terceiro Mundo, que estávamos no Concílio Ecumênico Vaticano II, vimos nascer, com enorme esperança, o organismo que, dentro da Igreja, deveria ser, segundo os nossos sonhos, a antena sensívelíssima, apta a captar todas as angústias, todos os sofrimentos dos oprimidos e dos sem-voz do Mundo inteiro, para além das raças, das línguas, das religiões, das ideologias.

Estremecemos de alegria, imaginando que teríamos o órgão profético, - sem medo, sem prudência da carne e tendo compromissos somente com a verdade.



Não dizemos que tenhamos tido uma decepção. Mas para ser digno do ideal que representais, permiti-me a confiança de algumas alertas fraternas:

- a) - atenção para não vos envolverdes com Fundos destinados à ajuda. As ajudas, nós o sabemos:
- da parte dos Governos, elas são, muitas vezes, alibis para fazer esquecer a justiça que nos é negada na política internacional do comércio;
  - da parte da iniciativa privada, elas são necessárias e bemvindas, quando há aplicação segura, discreta, evangélica. Mas, quando se conta - como é o caso da Alemanha - com a Misereor e a Adveniat, as ajudas são entregues às mãos exatas.

Não esqueçais que a melhor das ajudas é aquela que é a razão mesma de vossa criação: a ajuda indispensável, urgente, necessária de defender a justiça como condição de paz.

- b) - Atenção para que não fiquéis em generalidades belas e sonoras, mas que não atinjam a realidade.

Não nascesteis para repetir a "Gaudium et Spes" e a "Populorum Progressio". Ajudai-nos a fazer, destes textos notáveis realidades vivas.

- c) - Atenção para o perigo do anti-comunismo, em nome do qual são mantidas estruturas de escravidão para milhões de filhos de Deus.

- d) - Atenção para a necessidade e a urgência de encorajar a Igreja dos Países subdesenvolvidos a enfrentar o Colonialismo interno, por meios não-violentos, mas corajosos e válidos.

- e) - Atenção para a necessidade e a urgência de dar à Igreja dos Países subdesenvolvidos, o exemplo de uma verdadeira e decisiva promoção humana das camadas de pobreza, que existem mesmo nos Países mais ricos.

- f) - Atenção para a necessidade e a urgência de denunciar, de maneira fraterna e vigorosa, o imperialismo econômico, cujo fruto é o neo-colonialismo.

Denunciái, a este propósito, o imperialismo cultural que prepara o caminho para o estruturalismo econômico, precursor do imperialismo econômico.

- g) - Atenção para as ajudas aos Países pobres, vinda dos Governos: elas são necessárias, mas elas não devem, de nenhum modo, fazer esquecer a revisão, em profundidade, da política internacional do comércio.

- h) - Atenção para ir ao fundo do problema quando se tratar de denunciar a violência que invade o Mundo. A violência dos Oprimidos, ou da Juventude, em nome dos Oprimidos, já é a resposta à violência nº 1, à violência-mãe de todas as violências: as injustiças que existem por toda parte. A única maneira válida de responder à violência dos Oprimidos ou mesmo de preveni-la, será a coragem de enfrentar as injustiças.

- i) - Atenção contra a tentação de dizer que a Igreja deve ficar no terreno dos princípios para evitar cair na política.

Na medida em que a política for sinônimo de bem comum, a política será um exigência do Evangelho.

- j) - Atenção, atenção, para não silenciar e para não ter medo de agir, quando denunciando as injustiças, a própria Igreja, em consequência de nossa fraqueza humana, fôr atingida.

Ser-nos-á preciso, a todos os que amamos, de verdade, nossa Mãe a Igreja, ajudá-la a arrancar-se da engrenagem, na qual, nós, os homens da Igreja, a fizemos cair.

Atenção, atenção, atenção para não confundir com a verdadeira prudência, virtude cardeal, a prudência da carne, filha da diplomacia e dos compromissos terrenos!

#### CARTA DE DOM GERALDO SIGAUD

O Arcebispo de Diamantina foi à Europa, com o intuito especial e exclusivo de desmentir e difamar D.Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife.

Na Alemanha, tendo conhecimento de que o Episcopado Alemão apoiara a candidatura de D.Helder ao Prêmio Nobel da Paz, 1970, julgou-se, em consciência, na obrigação de alertar o Episcopado Alemão dirigindo-lhe a Carta que se segue, Carta que o Autor fez espalhar, entre os participantes do Congresso Católico de Trier, ao saber que aludido Congresso - tendia, também, a apoiar a candidatura nobeliana.

Bonn, 11 de agosto de 1970.

A

S.E.

Mons. Heinrich Tenhumberg

Bispo de Münster

Excelência,

Queira dar-me a licença de lhe dirigir esta carta e referir-me à pessoa e ao trabalho de D.Helder Câmara, o qual - segundo uma notícia espalhada pela KNA, foi por V.Excia., como Presidente do Círculo de Trabalho pelo Desenvolvimento e Paz, proposto para o Prêmio Nobel da Paz de 1970.

Sendo eu bispo brasileiro, este fato devia ser para mim uma causa de profunda alegria, quando leio que um bispo católico é candidato a esta condecoração honrosa e ainda que este bispo é um compatriota meu.

Porém os sentimentos que experimento ao ler esta carta, não eram nem de alegria, nem de orgulho. O que senti foi uma grande tristeza e preocupação.

Estes sentimentos que me agitam no momento, vêm da certeza do desprestígio que surgirá para o episcopado alemão, quando o mundo souber a verdade sobre D.Helder Câmara. E deste desgosto do episcopado alemão, dependerá também a boa reputação destas organizações meritórias: Cáritas, Misereor e Adveniat, que têm seus representantes no Círculo.

As consequências que a condecoração do Arcebispo de Recife acarretará, podem tornar-se catastróficas para a Igreja no Brasil, mas não são estas consequências, para as quais, no momento, queria pedir a atenção de V.Ex.

Se junto as razões para a minha preocupação, preciso dizer de partida, que D.Helder Câmara representa uma personagem estranha na política brasileira nos últimos 40 anos. Acredito que seria muito inoportuno para o episcopado alemão propôr este prelado brasileiro para o Prêmio Nobel da Paz.

Agora gostaria de relatar a V.Excia. fatos para provar minha afirmação. Documentação para isso V.Excia. encontrará nos anexos I (AI), II (Ex.) e III (IT)!

Na vida pública de D.Helder Câmara, podem-se distinguir 3 períodos diferentes, que aparentemente estão se contradizendo.

O primeiro período abrange o tempo da oposição ao comunismo, é o período fascista de 1932 - 1940.

O segundo período é o da transição do fascismo para o comunismo: o período não-político de 1940 - 1952.

O terceiro período é o da colaboração com o comunismo: 1952 - 1970.



Há uma aparente mudança que deixou o fascista de 1932 tornar-se homem da esquerda. Esta mudança é aparente. Há um elemento profundo que sempre permaneceu o mesmo. A nota política principal do fenômeno Câmara é o socialismo. D.Helder Câmara sempre foi socialista e o é ainda hoje. Sua transformação só era de natureza superficial, não profunda.

### Iº Período - O FASCISTA (Ex. 14, 15, 16, 17)

Há homens que consideram o fascismo e nazismo como partidos de direita. Na realidade, eram partidos nacionalistas da esquerda: ambos eram socialistas. O partido de Hitler, formalmente se chamava de Partido dos Trabalhadores Alemão Nacional-socialista. O integralismo, o partido brasileiro fascista, ao qual pertencia D.Helder Câmara, era da mesma forma nacional-socialista. D.Helder Câmara afirma, ter entrado no partido, atendendo a um pedido do seu bispo e ao pedido de um outro bispo ter deixado o partido. Esta versão não é toda verdade.

D.Helder Câmara era um fascista fanático. Seus colegas contam que, no dia de sua ordenação como sacerdote, fez questão de vestir a camisa verde debaixo da batina. Sua atividade política era tão intensa, que já com 24 anos foi eleito secretário do partido fascista e logo em seguida foi eleito para a Câmara dos 40, o senado do partido. Consequentemente, D.Helder Câmara era um membro importante do partido e não simplesmente um sacerdote que, pelo pedido de seu bispo, desembarcou nas fileiras do fascismo brasileiro.

Na ocasião do "Putsch" nazista, pelo qual o partido procurou chegar ao governo do Brasil, Sua Excia. era um membro ativo e considerado da alta direção do partido.

### IIº Período - A TRANSIÇÃO PARA O COMUNISMO (Ex. 19, 20)

Em 1936, o Pe.Câmara mudou-se para o Rio de Janeiro. Com isso iniciou-se o segundo período de sua vida política. Esta fase é marcada pela transição do Nacional-socialismo para o partido esquerdista.

Colegas do Ministério de Educação se lembram dos violentos ataques do Pe.Helder à organização da sociedade ocidental e do zelo ardente com que defendia o comunismo. O enigma que um nazista pode mudar para as tendas do comunismo russo é, em D.Helder, de fácil resolução. A segunda Guerra Mundial tomava seu curso numa delineação sempre mais distinta. A vitória da Rússia se indicava já em 1943 como iminente. D.Helder Câmara resolveu, então, deixar o Nazismo que estava para cair para se juntar agora ao crescente movimento, o socialismo da esquerda. Dêste tempo data também sua aproximação de D.Jaime Câmara, do qual se tornou o súdito mais devoto. Em 1952, D.Jaime pediu-o como bispo auxiliar. Depois, como bispo consagrado, em 1960, cortou as relações com seu arcebispo e começou o trajeto até as alturas por ele ambicionadas. (Ex.23, 24, 25).

### IIIº Período - A COLABORAÇÃO COM O COMUNISMO (1952-1970)

O terceiro período abrange duas etapas diferentes: 1952 - 1964. Dêste tempo data a criação da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros. D.Helder foi eleito secretário geral (Ex.27).

1964-1970: D.Helder Câmara foi rejeitado pelos bispos brasileiros como secretário geral e transferido do Rio para o Recife como Arcebispo.

Este terceiro período é marcado pela atividade de D.Helder Câmara, em prol da vitória do comunismo no Brasil e na América Latina.

a.) Como Secretário da CNBB deu seu pleno apoio ao governo de João Goulart, - principalmente nos anos mais críticos de 1962 a 1964. Este governo visava às reformas radicais em relação à agricultura, planejamento de cidades, da indústria, nas questões bancárias e universitárias. Na realidade, estas reformas significavam o confisco de todas as propriedades particulares em prol do Estado. Era a socialização forçada do Brasil. A principal força motriz destas reformas era o Partido Comunista. Caso estas reformas tivessem sido iniciadas, teríamos tido o caos econômico. Nesta situação, através da criação do caos, o partido comunista calculava apoderar-se do governo.

Por isso, em fevereiro de 1964, o chefe do Partido Comunista Brasileiro, Luis Carlos Prestes, podia declarar na Alemanha oriental: "No Brasil, nós comunistas já estamos no governo. Em breve, teremos o poder".

Nos momentos mais perigosos para a liberdade do Brasil, quando parecia que os comunistas ocupavam todos os caminhos que levavam ao poder, Dom Helder continuou sua cruzada violenta e eficaz para a colaboração com Goulart e a propaganda para o programa das cinco reformas básicas. Seu slogan era: "As reformas se realizarão conosco, sem nós ou contra nós. Então realizemos as reformas". Ele não sabia, ou fingiu ignorar, que as reformas, caso fossem realizadas sem nós ou conosco, sempre e necessariamente seriam contra nós. Alguns dias antes da revolução de 31 de março de 1964, Dom Helder Câmara almoçou com João Goulart e os jornais apresentaram este fato do encontro confidencial dos dois.

b.) Arcebispo de Recife. Desde 1964, a tática de D.Helder, como Arcebispo de Recife, é a seguinte: favorecer com todos os seus recursos as forças comunistas e dar-se ares de pessoalmente ser um apóstolo da não-violência. Afirma com ênfase que, ao escolher entre soluções pacíficas e violentas, se decidiria pelas não-violentas. Esta atitude deixa-o aparecer como apóstolo da paz, (Ex. 33).

Mas, ao mesmo tempo, em que estabelece para si o alibi da não-violência, ele derrama óleo no fogo e abre o caminho à violência. Como?

- 1.- Ele afirma que a América Latina se encontra em estado de opressão, através da "violência" do sistema do Colonialismo interno.
  - 2.- Ele procura "conscientizar" os pobres, a fim de que sejam convencidos de serem miseráveis, explorados, colonizados, mas ele não lhes dá os meios para resolver seus problemas.
  - 3.- Ele ensina que uma violência passiva deve ser respondida por uma violência ativa (Ex.36).
  - 4.- Ele afirma preferir a solução pacífica mas respeita aquele que prefere a solução forçada (36).
  - 5.- Ele afirma que, caso houvesse esperança de vitória, preferiria a violência. Mas afirma que não há esta esperança por causa da América do Norte - (Ex.37).
  - 6.- Ele afirma que a supremacia da América do Norte é tão má como a dos Russos. Que para o Brasil seria igual ser governado ou pelos Russos ou pelos da América do Norte.
  - 7.- Ele consente no que diz o Pe.Comblin: corromper as forças armadas brasileiras, formar grupos políticos que estão dispostos a aceitar o poder, armar o povo, derribar por uma revolução do povo o governo, exterminar a resistência através de tribunais revolucionários, impor à maioria a ditadura da minoria socialista (IT 34, 35, 37, 44, 45).
  - 8.- Os exemplos que D.Helder mostra ao Brasil são os seguintes: para a revolução social: México e Cuba; como regime agrário: a Jugoslávia (IT 5,9, 13; Ex. 46).
  - 9.- Ele aprova os terroristas que assaltam os bancos, matam policiais, fundam o terror, caçam os consules e embaixadores (Ex.38; IT 36).
  - 10.- Aponta para a juventude brasileira os "Beatles" como exemplos e declara suas idéias e sua mentalidade como dignas de serem imitadas e promovidas.
  - 11.- Aprova o reconhecimento da China Vermelha através das Nações Unidas (ONU) e a aceitação de Cuba na Organização dos Estados Americanos (OEA).
  - 12.- Ele declara que o socialismo pode ser aceito por um católico e que o marxismo possui uma força de convicção que o cristianismo não possui (Ex.45; IT 46, 47, 49).
  - 13.- Ele desmoraliza o governo brasileiro quando diz que usa as torturas como arma política, e faz entender que o número dos homens que foram mutilados, aos quais se arrancaram as unhas, dos quais se esmagaram os testículos e que até foram mortos pelo governo brasileiro, é da ordem de mil e mais (Ex.38,39).
- Reverendíssimo Senhor Bispo! Estou consciente da gravidade das informações que lhe transmiti. Não quero porém que V.Excia. dê fé simplesmente



nas minhas palavras. Peço a V.Excia. ler também os documentos anexos a este memorandum e que comece a duvidar das informações que foram juntadas pela propaganda aqui em prol de Dom Helder. Suas dúvidas aumentarão, levando em consideração que a propaganda esquerdista projetou nos últimos 18 anos, Dom Helder Câmara, num "crescendo" ininterrupto; e que um homem tão ativo como ele, não foi assunto de uma só crítica, de nenhuma restrição do lado da imprensa comunista.

V.Excia. compreende o papel que D.Helder Câmara desempenha no Brasil. Ele abre ao comunismo as portas da América Latina. Pregando aparentemente a paz, consente e promove as guerrilhas, a guerra revolucionária, a revolução do povo e o Caos, para que o comunismo possa conquistar a América Latina. Mais cedo ou mais tarde, o mundo saberá quem é Dom Helder Câmara. Seria muito desvantajoso para o episcopado alemão que viesse a ser um dos responsáveis pela entrega do Prêmio Nobel da Paz a uma pessoa com um passado tão pouco recomendável e de um presente tão duvidoso. Em seguida, V.Excia. encontrará alguns documentos que ilustrarão e corroborarão as minhas afirmações.

Queira Deus proteger V.Excia.

Dom Geraldo Sigaud

Arcebispo de Diamantina  
Brasil

NOTA - Tradução do texto original alemão.

- Os anexos indicados não foram enviados por Dom Sigaud.-

RESPOSTA A SIGAUD (publicada)

Tenhumberg: Assinei o decreto e é claro que assumo toda a responsabilidade: As acusações serão examinadas.

Trier, 12 de setembro de 1970: Na tarde de sábado passado, o Bispo de Münster, Heinrich Tenhumberg, publicou em Trier sua resposta ao Arcebispo brasileiro, Geraldo Sigaud, de Diamantina.

Tenhumberg, que é ao mesmo tempo presidente do Círculo de Trabalho - "Desenvolvimento e Paz", declara, em vista das acusações feitas por Sigaud a Camara: "O Senhor compreenderá que não posso tomar uma posição a acusações referentes a uma pessoa, por não conhecer satisfatoriamente D.Helder Câmara!" E acrescenta: "Durante o Concílio Vaticano II estive com ele, mas tive a impressão de que se trata de uma personalidade muito idealista e profundamente sincera". Além disso, Tenhumberg comunicou ao Arcebispo que na sua carta faltaram os documentos que ele mencionara como provas de suas afirmações.

Tenhumberg faz a seguinte proposta: "A Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros deveria estabelecer uma comissão para examinar as acusações contra o Arcebispo Helder Camara, ou pedir a Santa Sé o estabelecimento de uma tal comissão, para evitar o escândalo de uma discussão impertinente entre bispos".

O Bispo Tenhumberg comunicou na carta ao Arcebispo Sigaud, que não participara da reunião do Círculo de Trabalho, quando este tomou a decisão de propor o Arcebispo Camara como candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Com isto só queria dizer que a maioria do público católico, representado pelos membros do círculo de trabalho, "vê no Arcebispo Helder Camara uma personalidade, cuja condecoração consideram como uma animação e homenagem de todas aquelas forças que na América Latina lutam para um meio-térmo entre uma revolução violenta e uma reação igualmente violenta", afirmou o bispo Tenhumberg com ênfase.

O círculo de trabalho "Desenvolvimento e Paz" não tinha em vista avaliar as atitudes, medidas e particularidades antigas do Bispo Camara. Tenhumberg constata: "Tratava-se muito mais do seu programa e daqueles impulsos cristãos pelos quais este programa é inspirado: Contrapor à "espiral da Violência" um movimento cristão inspirado pela Paz e pela liberdade do homem.

Com certeza podia supor, assim continua Tenhumberg, que o Arcebispo Sigaud mandou também uma cópia de sua carta a Camara, "a fim de que em breve possa comunicar aos representantes do círculo de trabalho "Desenvolvimento e Paz" assim como a todos os bispos alemães interessados, não só a sua opinião mas também a atitude do Senhor Arcebispo Helder Camara".

O círculo de trabalho católico pelo Desenvolvimento e Paz - comissão nacional Iustitia et Pax - consiste dos seguintes membros: Katholisches Büro - Kommissariat der deutschen Bischöfe in Bonn; Zentralkomitee der deutschen Katholiken in Bonn - Bad Godesberg; Adveniat, Essen; Misereor, Aachen; - Deutsche Pax-Christi-Sektion Frankfurt - Main; Deutscher Caritas Verband; - Päpstliches Missionswerk, Aachen. O círculo decide também, entre outras, na distribuição de ajudas de desenvolvimento e por ocasião de catástrofes.

- Dom Geraldo Sigaud não remeteu cópia de sua carta publicada na Alemanha a Dom Helder Camara.
- No tempo da publicação houve breve referência na imprensa brasileira.
- Dom Helder Câmara tomou conhecimento direto da carta de D.Sigaud juntamente com a resposta de Mons. Tenhumberg, em Trier. Imediatamente D. Helder escreveu a carta datada de 29 de setembro de 1970.



RESPOSTA DE DOM HELDER CÂMARA

Snrs. Cardeais, Snrs. Bispos, Padres, Leigos e Homens de boa vontade da Alemanha.

Meus Amigos e meus Irmãos,

Pedem-me Amigos, eclesiásticos e leigos, da Alemanha, que responda às acusações que meu irmão no Cristo e no Episcopado, D. Geraldo dirigiu contra mim, em carta aos Bispos da Alemanha, por êle difundida entre os participantes do Congresso Católico de Trier, tentando impedir que católicos alemães apoiassem minha candidatura ao Prêmio Nobel da Paz 1970.

Responder, diretamente, às acusações - perdoem-me - mas não o farei pelos seguintes motivos principais:

- parece-me inglório, quando há problemas gravíssimos, da maior importância e urgência para a Humanidade, que eu fique girando em torno de mim mesmo;
- é sumamente triste prolongar o espetáculo oferecido pela ida de meu irmão à Europa, com o intuito especial e exclusivo de tentar desmentir-me e denegrir-me.

Deus me dá oportunidade esplendida de responder, de modo indireto, mas total, às acusações recebidas: o Governo da Alemanha Federal acaba de criar o Deutsches Forum fuer Entwicklungspolitik e este, para comemorar o início da 2ª Década do Desenvolvimento, promove, na manhã do próximo 23 de outubro, na Sala Beethoven, em Bonn, sob a presidência pessoal do Exmo. Presidente da Alemanha Federal e do Ministro Eppler, uma sessão solene, durante a qual deseja que eu interprete os "Anseios dos Países subdesenvolvidos em face das Nações industrializadas".

Terminada a Conferência Mundial sobre Religião e Paz (Kyoto, Japão, de 16 a 22 de outubro de 1970) e suprimindo parte da programação prevista, encontro fraternal como em Tokyo, na Organização Budista Risho Kosei-Kai (dia 23) e encontro, em Hiroshima, de 30 Apóstolos da Paz, não poderei faltar ao chamado da Alemanha, que, em gesto fidalgo, tomou a iniciativa de rebater as acusações que me foram feitas e, sem lhes dar ouvidos, manteve o apoio à candidatura ao Prêmio Nobel.

Quem me honrar com a leitura cuidadosa de minha palestra em Bonn - da qual envio cópia antecipada a meus Irmãos do Episcopado Alemão, mas a qual, depois de 23 de outubro, será difundida na Alemanha, no Brasil e em outros Países amigos - verá que, falando aos Países de abundância em nome dos Países subdesenvolvidos, entrego aos meus leitores, dados mais que suficientes para que formem sobre mim julgamento pessoal.

Seja-me permitido acrescentar um pedido e um agradecimento:

- o pedido se prende ainda às acusações: por favor, não julguem o Episcopado Brasileiro, nem mesmo o próprio D. Geraldo, pela atitude menos feliz que êle assumiu em Trier. Ninguém acerta 100% na vida e todos somos capazes de fraquezas;
- o agradecimento se prende ao apoio a propósito do Prêmio Nobel: digo-lhes diante de Deus, que o Prêmio por mais honroso que seja, não me preocupa. O fato de receber apoios como o da Alemanha já representa para mim o meu Nobel da Paz.

Fraternalmente em Cristo,

+ Helder Câmara

Recife, (Brasil), 29 de setembro de 1970.

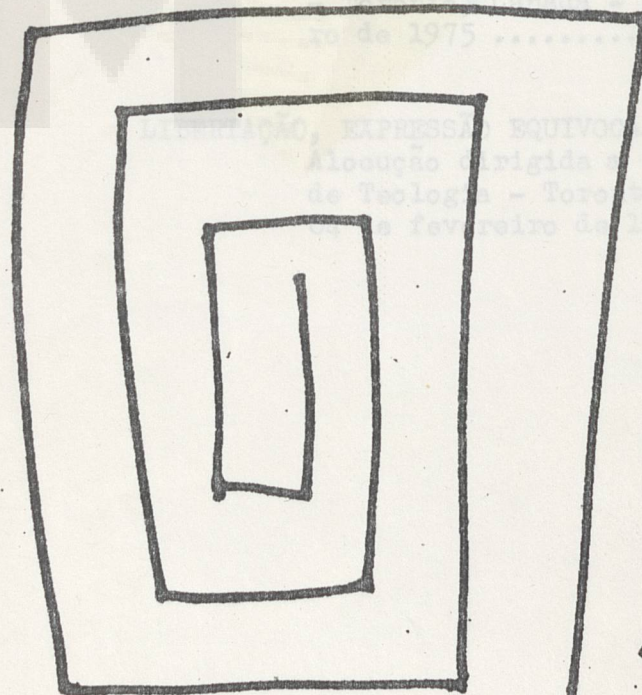


DOM **HELDER**

**CÂMARA**

**VIAGENS**

**PELA PAZ**



**CANADA**

**1975**

Secretariado Regional Nordeste II  
C.N.B.P.  
Serviço de Apostilas nº 39  
Rua do Giriquiti, 48 - Recife - PE



Í N D I C E

Página

"LIBERDADE E JUSTIÇA PARA TODOS"

Universidade de Ottawa - Canadá - no dia  
01 de fevereiro de 1975 .....

1

EM DIVIDA GRAVE PARA COM DEUS E PARA COM A HUMANIDADE

Homilia - Capela da Universidade de Loyola - Montreal, Canadá e transmitida pela Canadian Broadcasting Corporation - no dia 2 de fevereiro de 1975 .....

9

E SE OS PEQUENOS SE UNIREM?

Palestra por ocasião do almoço com Chefes de Empresas - Toronto - Canadá - no dia 03 de fevereiro de 1975 .....

12

URGENTE IR ÀS RAIZES

Participação no painel promovido, no "Star Forum", por "The Toronto Star" como contribuição para os "Ten Days for World Development", iniciativa do Inter-Churches Committee for World Development Education - Toronto, Canadá - no dia 03 de fevereiro de 1975 .....

16

LIBERTAÇÃO, EXPRESSÃO EQUIVOCA?

Alocução dirigida a Padres e Estudantes, de Teologia - Toronto, Canadá - no dia 04 de fevereiro de 1975.....

19



Matriz de Münster, Alemanha - 27.09.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Matriz de Borgomanero, Itália, em 19.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência no Teatro de Ivrea, Itália, em 24 de 25 Setembro  
de 1981 - 04.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Discursos na Piazza del Duomo, Itália, em 24.10.81  
de 11.8. Centenario della cattedrale di San Pietro

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Contributo al Incontro Europeo, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

CONFERÊNCIA DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO MUNDO  
Conferência em Borgomanero, Itália, em 24.10.81

# DOM HELDER

## DISCURSOS INTERNACIONAIS

VIAGENS

SETEMBRO E OUTUBRO DE 1981

ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE

Rua do Giriquiti, nº 48

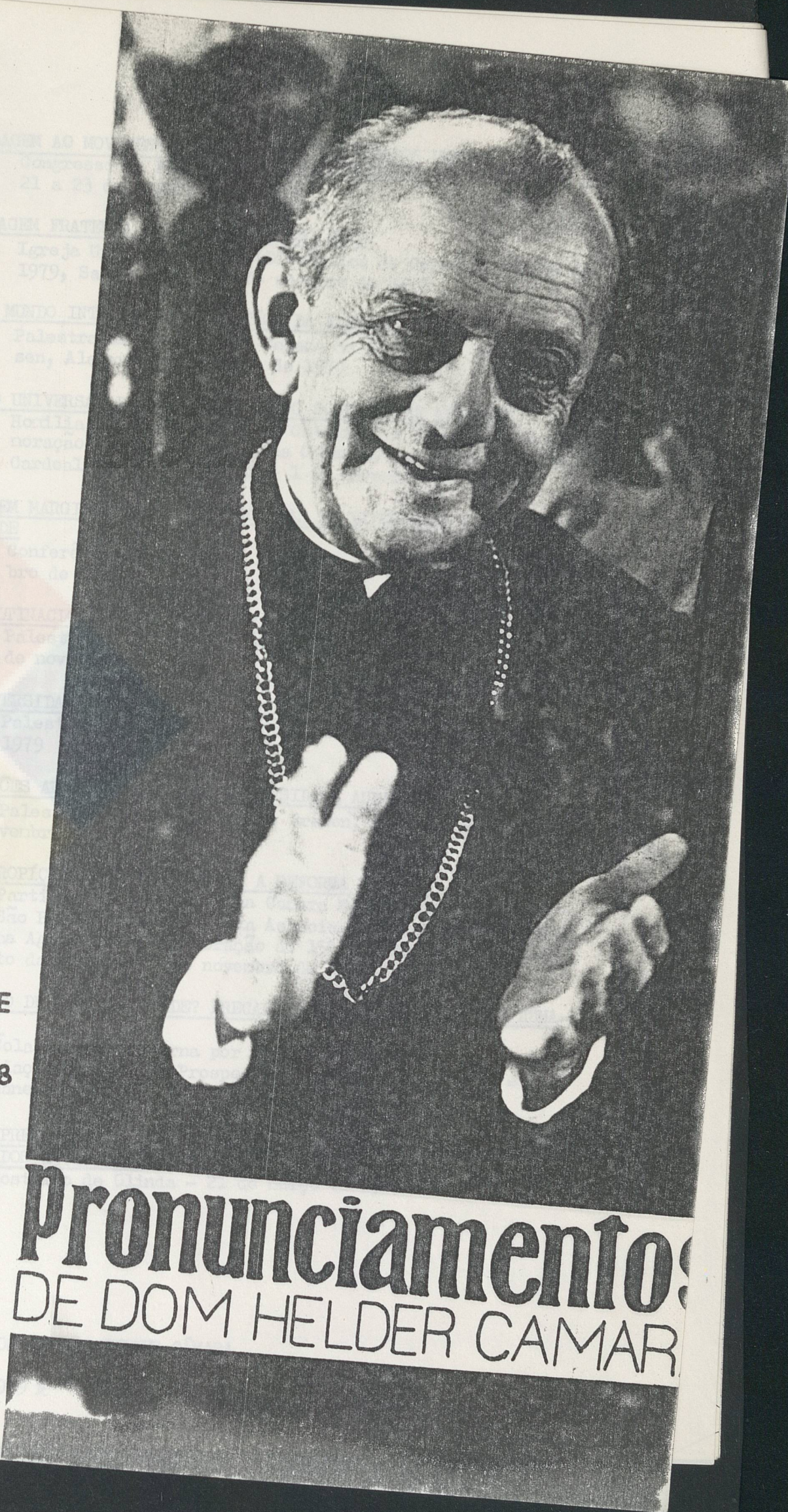
50.000 - Recife - PE



HOMILIAS E CONFERÊNCIAS

- Homilia - Matriz de Münster, Nienberge, Alemanha - 27.09.81
- ENGAJAMENTO DO CRISTÃO AO SERVIÇO DO HOMEM  
Palestra em Borgomanero, Itália, no "Cinema Novo" - 04.10.81
- SÃO FRANCISCO, SANTO DO NOSSO TEMPO  
Conferência no Teatro de Ivrea, Itália, na data do 8º Centenário  
do nascimento do Santo - 04.10.81
- IMPEGNO DEL CRISTIANO AL SERVIZIO DELL'UOMO  
Conferenza in Borgomanero, Italia, nel Cinema Nuovo - 04.10.81
- COME RENDERE VALIDO IL DIALOGO NORD-SUL  
Discorso nella Piazza dei Martiri di Novara, Italia, in preparazio  
ne de 11'8º Centenário della nascita di San Francesco d'Assisi -  
04.10.81
- SAN FRANCISCO E LA SORELLA POVERTÀ, OGGI  
Contributo al Incontro Europeo Giovani Francescani, Assisi-28.9.81
- SAN FRANCESCO, SANTO DEL NOSTRO TEMPO  
Conferenza nell Teatro di Ivrea, Italia, data dell'8º Centenário-  
della nascita del Santo - 04.10.81
- HOFFNUNG IN UNSERER ZEIT  
Brüderliche Botschaft, in Rahmen des blumenischen Gottesdienstes -  
in Grossmür ster Zurich - 02.10.81
- MISSION SINGULIÈRE DES UNIVERSITÉS DE NOTRE TEMPS  
Conférence donné en Hollande - à la Landbouwhogeschool, Wageningen  
et à la Katholieke Hogeschool, Nijmegen - 12.10.81
- OSER LA PAIX  
Discours à la Salle de la Madeleine et dans la Gare Centrale orga  
nisé par le Conseil de la Jeunesse Catholique et Entraide et Fra  
ternité, Bruxelles, Belgique - 08.10.81
- PRESSION MORALE LIBÉRATRICE  
Conférence d'ouverture de la 3ème Rencontre Internationale des Al  
ternativas de Non-Violence Activa - Nassogne, Belgique - 06.10.81
- QUELLE ESPÉRANCE POUR NOTRE MONDE EN CRISE?  
Conférence donnée, à liège, au Palais des Congrès - 06.10.81
- SPIRITUALITÉ DE LA PAIX  
Discours inaugural du Congrès de Pax Christi International, Nass  
ogne, Belgique - du 09 au 11.10.81
- 5º VIAGEM INTERNACIONAL DE 1981  
Conférence donnée, à Anvers, A la Salle "De Singel", Belgique -  
07.10.81
- L'EUROPE, TELLE QUE L'AMÉRIQUE LATINE LA RÉGARDE  
Conférence à Baden-Baden/Rastatt sous les auspices de L'Europa U  
nion -03.10.81
- ESPÉRER DANS CE TEMPS  
Message fraternel - Celebration Oecuménique, à Grossmünster, Suisse  
02.10.81





**Pronunciamentos**  
DE DOM HELDER CAMAR

ARQUIDIOCESE DE  
OLINDA - RECIFE  
RUA DO GIRIQUITI 48  
BOA VISTA  
50000 RECIFE PE



PRONUNCIAMENTOS  
DE DOM HELDER CÂMARA

PRONUNCIAMENTOS DE DOM HELDER CÂMARA

SETEMBRO DE 1979 a Março DE 1980.

	Pag.
<u>MENSAGEM AO MOVIMENTO CARISMÁTICO DOS ESTADOS UNIDOS</u> Congresso da Renovação Católica Carismática - New York - 21 a 23 de setembro de 1979	1
<u>MENSAGEM FRATERNAL NA VIGÍLIA DO ANO 2000</u> Igreja Unida de Cristo (Discípulos de Cristo), Sínodo de 1979, Saint Louis, 29 de outubro de 1979	3
<u>O 3º MUNDO INTERPELA OS CRISTÃOS DA ALEMANHA</u> Palestra na abertura da Semana do 3º Mundo, Recklinghau- sen, Alemanha - novembro de 1979	6
<u>O ANO UNIVERSAL DA CRIANÇA E O ANO 2000 QUE SE APROXIMA</u> Honília - Concelebração na Catedral de Florença, em come- noração do Ano Universal da Criança, presidida por S.E.R. Cardeal Giovanni Benelli - 1 de novembro de 1979	10
<u>O HOMEM MARGINALIZADO: PERSPECTIVAS DE LIBERTAÇÃO NUMA NOVA SO- CIEDADE</u> Conferência no Teatro S. Benedetto, Ferrara - 1 de novem- bro de 1979	12
<u>AS MULTINACIONAIS NOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</u> Palestra na Università degli Studi, Florença, Itália, - 2 de novembro de 1979	14
<u>A UNIVERSIDADE E OS GRANDES PROBLEMAS HUMANOS DE HOJE</u> Palestra na Universidade de Munster - 5 de novembro de 1979	17
<u>SUGESTÕES AUDACIOSAS A UMA UNIVERSIDADE AUDACIOSA</u> Palestra na Universidade de Bremen, Alemanha - 6 de no- vembro de 1979	20
<u>HORA PROPÍCIA PARA CONCRETIZAR A REFORMA AGRÁRIA</u> Participação no Painel na Câmara Municipal de Campinas - São Paulo, promovido pela Associação Brasileira de Refor- na Agrária, em comemoração do 15º aniversário do Estatu- to da Terra - 27 de novembro de 1979	21
<u>CONTRATO DE SOLIDARIEDADE? PRECARIÉDADE DAS PROSPECTIVAS HUMA- NAS ...</u> Colaboração fraterna por ocasião do 1º Contresso da Asso- ciação Mundial de Prospectiva Social - Dakar - 21 a 23 de janeiro de 1980	25
<u>SERMÃO PREGADO COMO PRESIDENTE DA SOLENE CONCELEBRAÇÃO COMEMO- RATIVA DOS 1500 ANOS DA MORTE DE SÃO BENTO</u> Mosteiro de Olinda - 21 de março de 1980	29

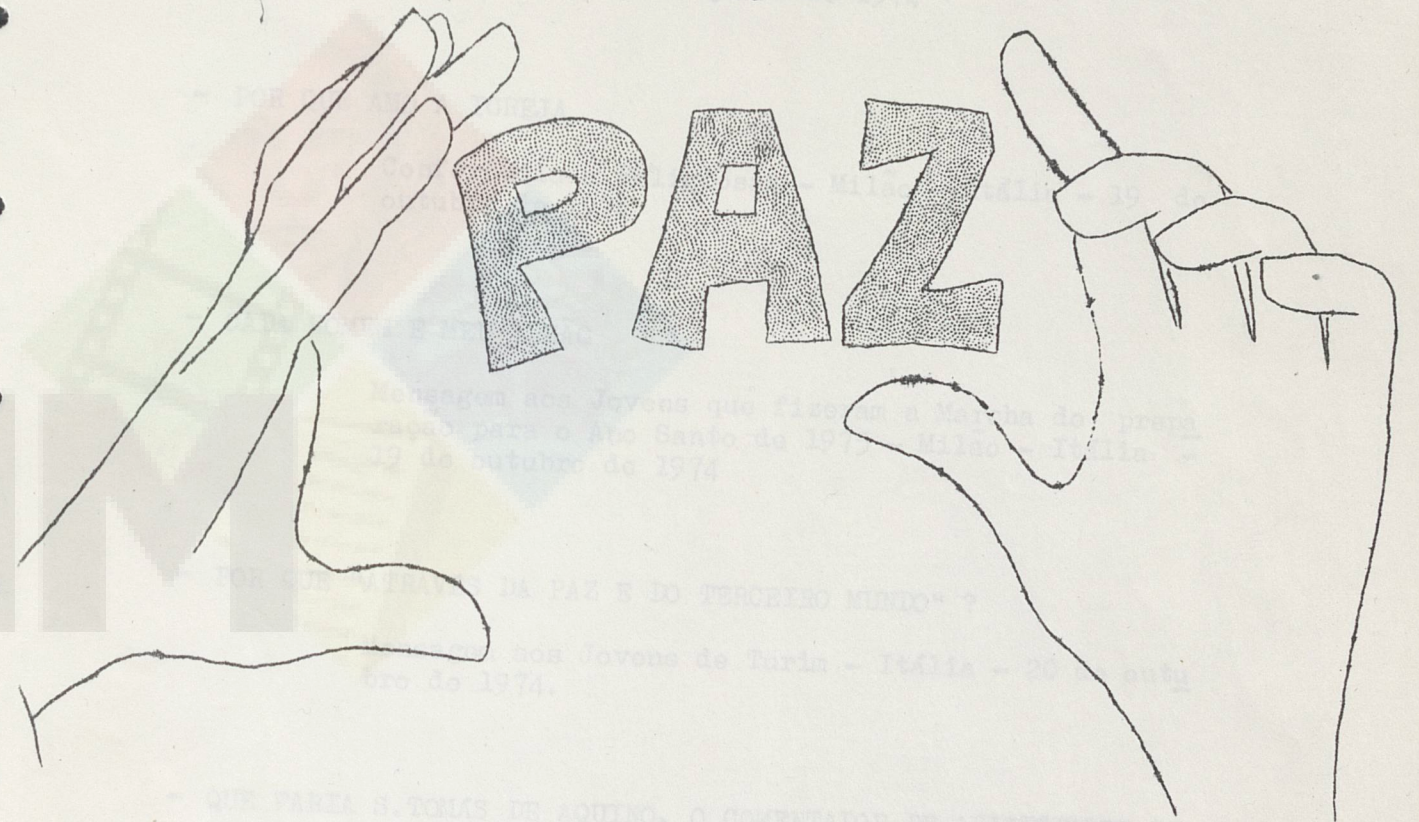


DOM HELDER CÂMARA

PEREGRINO

DA

PAZ



1974

Junho - Harvard - EUA

Outubro - Itália

Chicago - EUA

Secretariado Regional Nordeste II

C N B B

Serviço de Apostilas - nº 38  
Rua do Giriquiti, 48 - Recife - PE



Í N D I C E

- FORÇA DO DIREITO OU DIREITO DA FORÇA!?!...

Título de Doutor honoris causa em Direito, pela defesa dos direitos do Homem - Universidade de Harvard - USA - 13 de junho de 1974

- POR QUE AMO A IGREJA

Conferência a Religiosas - Milão - Itália - 19 de outubro de 1974

- CADA HOMEM É MEU IRMÃO

Mensagem aos Jovens que fizeram a Marcha de preparação para o Ano Santo de 1975 - Milão - Itália - 19 de outubro de 1974

- POR QUE "ATRAVÉS DA PAZ E DO TERCEIRO MUNDO" ?

Mensagem aos Jovens de Turim - Itália - 20 de outubro de 1974.

- QUE FARIA S.TOMÁS DE AQUINO, O COMENTADOR DE ARISTÓTELES, DIANTE DE KARL MARX ?

Universidade de Chicago - USA - 29 de outubro de 1974

- INTERVENÇÃO NO PLENÁRIO DO SÍNODO EPISCOPAL DE 1974.

Roma - Itália - outubro de 1974.



4035



CEDIM

Institut für Brasilienkunde